

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

LUCAS PINHEIRO MACHADO

**FOTOJORNALISMO, UMA QUESTÃO ÉTICA OU DE
OPORTUNIDADE?
O QUESTIONAMENTO DOS PRINCÍPIOS ÉTICOS DO
PROFISSIONAL**

BAURU
2009

LUCAS PINHEIRO MACHADO

**FOTOJORNALISMO, UMA QUESTÃO ÉTICA OU DE
OPORTUNIDADE?
O QUESTIONAMENTO DOS PRINCÍPIOS ÉTICOS DO
PROFISSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, sob orientação da Profa. Joyce Guadagnucci.

BAURU
2009

Dedico esse trabalho a Deus, a minha querida mãe Maria Isabel e ao homem mais maravilhoso do mundo que olha por mim todos os dias do céu, Lourival Pinheiro Machado, meu pai.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado uma vida tão abençoada, agradeço também aos meus pais Isabel e Lourival pela oportunidade de estudar, a minha irmã Kátia que sempre esteve ao meu lado, a todos os meus familiares e em especial às professoras Ângela Maria Grossi que me deu todas as orientações no início do projeto e à minha paciente orientadora Joyce Guadagnucci pela dedicação e o incentivo diário. Além disso, alguns amigos em especial que me ajudaram durante todo esse trabalho, Andréia Seullner, Bruna Dias, Danilo Ruiz, Matheus José Prestes, Natália Ereno, José Alberto Conte Junior e Mirella Bergamo.

“As intenções do fotógrafo não determinam o significado da foto, que seguirá seu próprio curso, ao sabor dos caprichos e das lealdades das diversas comunidades que dela fizerem uso”.
Susan Sontag.

RESUMO

Este trabalho teve por finalidade analisar de maneira geral e ética a utilização de algumas imagens impactantes ou de violência publicadas no jornal Folha de São Paulo no primeiro semestre de 2009. Foram selecionadas 15 imagens que foram descritas a partir de pesquisas bibliográficas. Seus resultados trazem um pouco do universo que compreende o instante em que uma fotografia é tirada, suas realidades e seus possíveis efeitos futuros.

Palavras chave: Fotojornalismo. Realidade fotográfica. Ética profissional.

ABSTRACT

The goal of this work is to analyze on a general and ethic way the usage of some striking or violent images, published on Folha de São Paulo newspaper in the first half of 2009. There were selected 15 images that were described from bibliography searches. The results bring a bit of the universe that includes the instant when a photograph is taken, their realities and their possible future effects.

Keywords: Photojournalism. Photographic reality. Ethics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	37
Figura 2.....	39
Figura 3	41
Figura 4.....	43
Figura 5.....	45
Figura 6.....	47
Figura 7.....	49
Figura 8.....	51
Figura 9.....	53
Figura 10.....	55
Figura 11.....	57
Figura 12.....	59
Figura 13.....	61
Figura 14.....	64
Figura 15.....	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.2	OBJETIVOS.....	10
1.3	METODOLOGIA.....	11
1.4	JUSTIFICATIVA.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E FOTOJORNALISMO.....	15
2.2	REALIDADES E FICÇÕES NA TRAMA FOTOGRÁFICA.....	17
2.2.1	Primeira Realidade	18
2.2.2	Segunda Realidade	19
2.3	LINGUAGEM FOTOGRÁFICA.....	20
2.3.1	Luz	22
2.3.2	Cor	22
2.3.3	Momento	22
2.3.4	Enquadramento	23
2.3.5	Velocidade e Obturador	23
2.3.6	Objetivas	24
2.3.7	Fundo	24
2.3.8	Equilíbrio e Desequilíbrio	25
2.3.9	Linhas	26
2.3.10	Planos	26
2.3.11	Ângulos	26
2.3.12	Lei do Agrupamento	26
2.4	FOTOJORNALISMO NOS DIAS DE HOJE.....	26
2.5	FOTOJORNALISMO NA COBERTURA VIOLENTA.....	28
2.6	ÉTICA.....	30
2.6.1	Ética na comunicação	31
2.6.2	Ética no jornalismo	32
2.7	ÉTICA NO FOTOJORNALISMO.....	32
2.8	A MORAL E A ESTÉTICA DA IMAGEM.....	35
2.9	QUESTÕES PARA O DEBATE ÉTICO.....	36
3	ANÁLISE	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS.....	69

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe a realização de uma análise de diversas imagens coletadas no jornal *A Folha de São Paulo*, com o principal intuito de questionar os motivos que podem ter levado o fotojornalista a registrar o momento e conflitar a ação com alguns princípios éticos e morais dos reponsáveis pela obtenção de diversas fotografias de violência, guerra ou qualquer outro tema impactante na sociedade

Problemas entre fotojornalistas e o resultado de suas fotos publicadas não são novidades no Brasil, muitos profissionais, na ânsia pelo dinheiro e por cumprir do melhor modo com suas obrigações, buscam ângulos que podem se tornar até ofensivos aos olhos de que vê em diversas ocasiões, principalmente quando lidam com a vida alheia. Os princípios éticos e morais se perdem junto com a necessidade de conseguir vender uma foto.

Para que os resultados fossem obtidos de modo a satisfazer os objetivos do projeto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e descritivas, que possibilitaram a realização de uma análise baseada no conteúdo determinado pelo autor Boris Kossoy (2002), no Código de Ética do Jornalismo e na legislação em vigência no território nacional.

O desenvolvimento do projeto se deu em etapas, que foram: a coleta de imagens, a realização de uma análise aprofundada, digitação dos dados coletados e, por fim, a produção de um relatório final que traz em seu conteúdo todos os objetivos pré-estipulados nesse projeto.

1.2 OBJETIVOS

Realizar análise de uma série de fotografias utilizadas para a divulgação de notícias de violência ou que causem impacto nos leitores do jornal *A Folha de São Paulo*, com os usos questionáveis do Fotojornalismo, colocando em cheque a ética do profissional do Jornalismo que acabada utilizando-se de imagens traumáticas para demonstrar uma realidade muitas vezes desnecessária. Analisar também, como o uso das tecnologias atuais permite que as fotografias sejam alteradas de sua concepção inicial para passar uma idéia contrária a realidade.

Para isso, foram coletadas imagens do jornal *Folha de São Paulo* no período de 01/02/2009 à 28/06/2009 e selecionadas 15 dessas imagens para serem analisadas. Com as imagens, questionarei a atitude do fotojornalista, colocando em cheque os princípios morais e éticos da profissão. Descrever o perfil editorial do caderno analisado e refletir sobre a quantidade de imagens que diariamente é publicada e buscar uma relação que possa justificar a utilização das imagens e qual a frequência em que elas aparecem.

1.3 METODOLOGIA

O tipo de análise realizada nas imagens será desenvolvido a partir da criação de um esquema de tópicos baseado na teoria aplicada pelo jornalista Boris Kossoy (2002), que aborda a mensagem de fotográfica por duas realidades que o autor considera ideal, primeira realidade com o contexto histórico dos acontecimentos que envolvem o momento registrado e a segunda realidade que descreve o resultado da fotografia e uma análise geral de conceitos de estética, ética da intenção do fotógrafo e suas conseqüências nas visões do público que receberá a mensagem transmitida pela fotografia expondo os direitos e os deveres do fotógrafo e se de algum modo, aquela imagem pode se tornar ofensiva para alguém envolvido.

A intenção será explicar diversos pontos que envolvem a fotografia, tentar justificar o momento, porém a ética do profissional que trabalha com o Fotojornalismo será sempre questionada nas análises que serão realizadas em fotografias que causem um impacto desnecessário no cotidiano dos leitores.

Para que o projeto se desenvolva de modo a possibilitar uma análise bastante abrangente foi selecionado o jornal “Folha de São Paulo” e as imagens coletadas no período de 01/02/2009 a 28/06/2009, serão todas relacionadas aos temas violência, trânsito, guerra, entre outros da mesma linha de raciocínio. Das imagens observadas, serão utilizadas, aproximadamente, 15 fotografias.

Para que o projeto possa se desenvolver de modo satisfatório, serão utilizadas pesquisas bibliográficas, com intuito de poder explicar a situação problema partindo de teorias já publicadas por outros autores. Esse tipo de pesquisa vai agir em conjunto com uma pesquisa descritiva, que vai coletar, analisar e interpretar o fenômeno em questão, no caso, o fotojornalismo, e assim, poderá descrever as principais características do problema.

Realizada essa etapa, a expectativa é de que muitas questões levantadas pelo uso dessas imagens fiquem resolvidas, explicações, justificativas, além da discussão éticas e moral, e que no futuro, todas possam ser respondidas ou esclarecidas através de justificativas plausíveis para a transmissão da informação.

1.4 JUSTIFICATIVA

A principal função do Jornalismo é a transmissão de notícias para seus leitores, ouvintes e telespectadores, enfim, para a sociedade em geral (PENA, 2005). Dentro do universo do Jornalismo, existem inúmeras áreas de atuação, e pode-se citar algumas mais importantes como o radiofônico, o televisivo, o impresso, o online, a assessoria de imprensa e o fotojornalismo.

Dentro da área de atuação, existe uma categoria denominada Repórter Fotográfico. Esse é o responsável por sair de uma redação com a função de buscar um elemento que, muitas vezes, chega a ter até mais impacto que determinadas palavras, a fotografia.

O fotojornalismo possui capacidades únicas de conseguir transmitir quase todas as informações de uma matéria através de um registro de imagem e também é considerado um fator enriquecedor do Jornalismo impresso, que engloba um universo de jornais impressos, revistas e folhetos.

Os primeiros registros que se tem notícia datam do final do século XIX para o surgimento de fotografias que já apresentavam certo caráter de fotojornalismo, pois retratavam algum acontecimento. Com o passar dos anos, a profissão do Repórter Fotográfico cresceu de modo exorbitante.

Para Humberto, a fotografia não se resume à confirmação do que ele considera como óbvio, mas sim a uma possibilidade para uma reflexão renovada a partir de indicativos oferecidos pelo momento real que a fotografia capta do tempo. “Uma fotografia é o testemunho de algo extinto, mas permanece como portadora de possibilidades de múltiplas leituras, principalmente quando foi produzida guiada por olhos informados e pela percepção sensível da vida” (Humberto, 2000, p. 41).

Com a ampliação da profissão, aumenta também o número de profissionais na área e, por conta da imensa concorrência no mercado, diminui o número de profissionais que possuem vínculos empregatícios com a mídia impressa. Apesar da grande difusão desse ramo, são poucos os profissionais que possuem formação acadêmica para trabalhar na área.

O número elevado de profissionais alimenta uma disputa que se torna pessoal na medida em que os vínculos empregatícios são esquecidos e o repórter fotográfico passa a trabalhar por conta própria na cobertura de diversos tipos de acontecimento e, assim, vendendo suas imagens às agências de notícias ou redações de jornais impressos.

A partir do momento em que o jornalista do ramo da fotografia começa a trabalhar por conta própria e entra no mercado a fim de conseguir competir com outros profissionais, ele acaba se submetendo a realizar trabalhos que vão de encontro com a ética da profissão e, muitas vezes, com a própria legislação vigente.

A necessidade, às vezes, acaba falando mais alto e, em muitas ocasiões, o repórter fotográfico acaba tendo que preferir ir contra os seus princípios éticos e morais e realizar trabalhos que de certo modo vão afetar na vida de determinadas pessoas.

Na maioria das vezes, uma fotografia tem um impacto muito maior do que as palavras que a acompanham. Por essa razão, se faz necessária uma análise sobre questões da importância da ética profissional no fotojornalismo. Dentro do campo da discussão ética de imagens, podem-se destacar as fotografias que abusam da representatividade de ações violentas e que causam trauma a primeira vista.

No campo da violência, quase sempre existem problemas relacionados aos profissionais, seus princípios e deveres e também, seu compromisso com o receptor da mensagem que a fotografia transmite. As maiores vítimas desse tipo de ação são, principalmente, os familiares das vítimas ou dos envolvidos na imagem em questão. Muitas vezes as imagens precisam causar tanto impacto para conseguir mercado de venda que chegam a ser ofensivas para quem as recebe.

Muitos profissionais atualmente são pagos para buscar fotografias que possam flagrar esses momentos de tragédia, abuso ou qualquer outro tipo de desgraça. E isso se torna prejudicial para o jornalismo à medida em que essa prática se torna constante, criando um mercado de sofrimento alheio.

Questionar a ética de um profissional que utiliza uma imagem impactante ou sensacionalista depende de uma análise a partir do olhar do receptor da mensagem que uma imagem transmite. O relativismo cultural e educacional dos leitores torna-se a principal questão de dúvida, um leitor que se depara com ela pode ou não se sentir atingido, ou até ofendido. A partir desse sentimento, os receptores criam suas perspectivas e conseguem enxergar ou não as intenções do profissional que tirou e escolheu a imagem publicada.

O fotojornalista consciente, enquanto ser humano inquieto, deve sempre interrogar-se quando explora temas violentos: Será que o acontecimento fotografado de tal dimensão sóciohistórica e cultural onde o choque do observador é justificável? violência será necessária para a compreensão ou corroboração do acontecimento? (SOUZA, 2002, p. 136)

Onde ficam os princípios éticos dos profissionais que se submetem a esse tipo de trabalho? Até que ponto o compromisso com a realidade permite que imagens que relatam o drama alheio sejam publicadas sem nenhum pudor. Será que a sua ação infere algum artigo da legislação? Quais direitos as vítimas desses flagras podem ter? Para responder essas e outras perguntas, esta proposta de pesquisa pretende realizar uma análise bibliográfica e descritiva de determinadas imagens que serão coletadas do jornal *Folha de São Paulo*. Buscando questionar a ética e outros motivos que possam questionar a atitude dos profissionais que se

propõem a realizar esse tipo de trabalho, e descobrir se o comprometimento desse profissional é com seus leitores, com seu vínculo ou com sua moral.

A análise que será realizada tomara como base o estudo das realidades fotográficas idealizadas por Boris Kossoy (2002). Segundo defende o autor, a fotografia deve ser considerada antes de qualquer coisa, uma representação da realidade, porém, não se deve esquecer que ela se torna um bem material de determinado registro. Ela é capaz de gravar em documento algum feito que ocorreu de maneira concreta em um dado espaço de tempo.

Kossoy defende que um documento fotográfico não deve e nem pode ser analisado de um modo que o faça ser algo independente de todo um processo de construção da representação em que o mesmo se originou.

Dentro das realidades oferecidas pelo autor, pode ser observada a materialização de uma fotografia enquanto ela ainda é uma etapa em um processo de criação elaborado pelo profissional que a concebe. Seguindo uma linha de criação, pode-se perceber que na medida em que uma fotografia é obtida, ela está ligada ao processo de criação que lhe deu origem: registro e criação ou testemunho e criação.

A análise a ser montada contará com resumos explicativos das duas realidades estudadas pelo Kossoy (2002). A primeira realidade que vai buscar explicar todo o contexto histórico do registro fotográfico e a segunda realidade que vai poder explicar todo o resultado conquistado pelo fotógrafo. Além disso, uma análise com conceitos éticos e com situações que possam fazer com que as análises busquem justificativas para as fotos, observando aspectos como a intencionalidade ou a finalidade, construção da imagem (cultural, estética e técnica) e suas conseqüências nas visões do público que receberá a mensagem transmitida pela fotografia.

A partir da análise realizada em tópicos das duas realidades de Kossoy, uma pequena análise por extenso expondo as intenções do fotógrafo, os objetivos, a linha editorial do jornal em que o mesmo é impresso e de que modo essa imagem pode ou não ferir os direitos de alguém.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E FOTOJORNALISMO

Quando se trata de Comunicação, logo se liga a palavra aos meios e, relaciona-se assim, a diversos campos da comunicação social como Jornalismo e Publicidade, como se esses campos fossem a descrição exata do tema. Porém, a história relata que desde os primórdios da humanidade, os denominados primatas precisavam de um meio para trocar informações e experiências, surgia assim, o processo denominado Comunicação.

Como cita Marques (2003), para que seja possível compreender a dimensão histórica do que é a Comunicação, se deve sempre pensar em como ela foi criada, e por quem foi primeiramente utilizada. Para que isso seja possível, é necessário, antes de tudo, entender as realidades que os primatas encontravam quando surgiram os primeiros sinais de uma dilatação dos acontecimentos.

Partindo-se do princípio que a comunicação é um modo de troca de informações, ao longo da história, vários meios de se conseguir isso foram desenvolvidos, e o simbolismo, tornou-se o principal deles. Com a criação do simbolismo, o cérebro dos primatas abandonava a função de memorização, pois já conseguia expor seus pensamentos através de formas de escrita.

A partir do desenvolvimento da comunicação, foram surgindo novos meios de expandir esse conhecimento, assim apareceram os meios de comunicação, ou seja, o meio que fazia com que a mensagem que saía do emissor, chegasse ao receptor. Para isso, várias técnicas foram utilizadas como os “Arautos do Rei” que liam mensagens nas praças, livros escritos a mão, e também, os correios, que era o modo mais eficaz de se fazer uma mensagem percorrer grandes distâncias.

Segundo Marques, a história do Jornalismo se cria junto com a da comunicação e, a partir do momento em que as criações se desenvolveram ao longo da história, passam a divulgar mensagens com o interesse de transmitir informações, assim se caracteriza o início do Jornalismo.

Segundo afirma Capelato (1994), no Brasil a chegada do Jornalismo foi muito demorada e tardia e a grande culpada por esse atraso foi a Coroa Portuguesa que proibia a difusão do Jornalismo para conseguir ter controle total das metrópoles e, evitar assim, uma série de críticas que poderia receber através das publicações, além disso, a grande maioria da população brasileira era analfabeta e se concentrava em núcleos rurais.

Apesar das dificuldades, diários e panfletos circularam nos pequenos e grandes centros urbanos. A barreira do analfabetismo era conformada pela comunicação oral: a leitura da voz alta, nas esquinas, nas farmácias ou nos serões familiares possibilitava a divulgação das mensagens, muitas vezes de conteúdo público – antilusitano e anticolonialista. Esses pequenos jornais tinham duração efêmera. (CAPELATO, 1994, p. 38).

A fotografia surgiu em um ambiente classificado como positivista, pois beneficiava os inventores e suas descobertas. Dentro dessas descobertas, incluiu-se inventos como as câmaras claras¹ e a partir disso, originou-se um desejo de que se encontrasse um meio de reproduzir de um modo mecânico, a realidade visual.

Em seu início e no primeiro momento, a fotografia foi utilizada apenas com demonstrações técnicas, mas com o passar do tempo, os primeiros fotógrafos que surgiram dedicaram-se à criação de cânones estéticos e expressivos para o meio. Criava-se nessa época, o que pode-se chamar de primeiras convenções profissionais, semelhantes às que os pintores da época realizavam.

Em meados dos anos 50 do século XIX, a fotografia já tinha adquirido novos benefícios como alguns avanços técnicos, óticos e até químicos com seus produtos. Com todos os avanços, a imagem já tinha condições suficientes de deixar de ser uma imagem limitada à um estúdio e se tornar assim uma documentação real do mundo de um modo que a pintura não conseguia fazer. Com isso, a fotografia passava a ser uma prova ou um testemunho da verdade e estavam completamente associadas à realidade.

As primeiras manifestações do que no futuro seria classificado como fotojornalismo surgiram quando os primeiros entusiastas da fotografia decidiram utilizar suas máquinas para tentar registrar um acontecimento da época, com a intenção de fazer com que essa imagem chegasse ao público, para que todos vissem a fotografia e se tornassem testemunhas do ocorrido. Também era vista pelos inventores como uma questão de tornar a espécie humana mais visível a ela própria

A história do fotojornalismo não tem uma data exata para seu surgimento, embora alguns autores afirmem que seu início seja após a Primeira Guerra Mundial na Alemanha (Sousa, 2004, p. 19), outros como Bahia (1990) afirmam que os primeiros registros de fotojornalismo que se tem notícia datam de 1841, com a criação dos daguerrótipos². Por volta do século XIX, começam a aparecer os primeiros trabalhos fotográficos com características de

¹ O conceito criado por Roland Barthes, que em seu livro *A Câmara Clara*, a define como “onde a imagem para ser reproduzida necessita da mão do homem, e que a câmera obscura produz uma imagem ligada ao referente através de sua emanção luminosa”.

² O daguerrótipo é um processo fotográfico feito sem uma imagem negativa

reportagem. Os fotógrafos pioneiros foram o inglês Roger Fenton, que registrou a Guerra da Criméia, em 1855, e o americano Mathew Brady que acompanhou a Guerra Civil Americana, em 1890.

Com o passar dos anos, a fotografia começa a ser cada vez mais utilizada na imprensa e, com isso, registra-se o surgimento daqueles que podem ser chamados de os primeiros repórteres fotográfico profissionais. Por existirem certas condições que as máquinas da época tinham, os fotógrafos passaram a ser odiados pelas pessoas que tinham que sentir o cheiro e se acostumar com os *flashes* de magnésio que a máquina liberava. Além desses problemas, o material utilizado pelos fotógrafos da época era muito pesado e desconfortável, por conta disso, os profissionais eram frequentemente barrados nos locais dos acontecimentos, pois os mesmos geralmente eram escolhidos por sua força física para agüentar todo o peso do material.

Como afirma Sousa (2000), Com o aumento da procura da fotografia, o numero de profissionais ligados a esse mercado também aumenta, e o numero de pessoas que preferem seguir esse caminho como profissão cresce consideravelmente. Mesmo assim, os repórteres fotográficos viveram por muito tempo no anonimato, e só deixaram de ser na década de 20. A partir dessa época, os profissionais sentem sua categoria um pouco mais reconhecida, porém, isso não representou nenhum reconhecimento total e definitivo da profissão. Ainda hoje, em diversos cantos do mundo, o fotojornalismo serve essencialmente para ilustrar notícias ou qualquer outra coisa. O que caracteriza completo desconhecimento sobre as funções informativas, interpretativas e contextualizadoras do fotojornalismo.

Voltando no tempo, segundo Sontag, se houve um ano em que a fotografia deixou de ser apenas um registro dos acontecimentos e começou a expressar seu poder para caracterizar acontecimentos de diversas realidades, sendo elas, as mais abomináveis possíveis, foi 1945, com as imagens conseguidas pelos fotógrafos Bergen-Belsen, Buchenwald e Dachau dos primeiros dias após a extinção dos campos de concentração de judeus na Alemanha. Além disso, também receberam grande destaque as imagens do fotógrafo Yosuke Yamahata, nos dias seguintes a incineração de toda a população de Hiroshima e Nagasaki, no Japão.

2.2 REALIDADES E FICÇÕES NA TRAMA FOTOGRÁFICA

A fotografia ao longo de sua existência adquiriu um status de credibilidade perante a sociedade devido, principalmente, a sua característica de registrar o real. Para Kossoy

(p.212002) as imagens nunca se esgotam “elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado”. Assim, o autor afirma que uma fotografia não deve ser aceita incontestavelmente como um fato fiel, cada imagem possui significados que precisam ser decifrados para se encontrar o real sentido.

Para Kossoy (2002) as fotografias são fontes de uma ambigüidade fundamental, ao mesmo tempo registram o passado revelam somente uma parte do real. As imagens fotográficas fornecem provas de que algo existiu além de ícones.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria fotográfica possibilitaram a manipulação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação (KOSSOY, 2002, p. 20)

Kossoy (2002) aborda que o processo de criação de uma fotografia engloba diversas etapas e os elementos constitutivos da fotografia são essencialmente o assunto, a tecnologia e o fotógrafo. A imagem fotográfica também possui as suas coordenadas de situação, ou seja, um espaço e tempo específico em que ela foi registrada. Todos estes elementos contribuem para a leitura da imagem, a sua interpretação.

O fotógrafo cria a imagem através dos objetos materiais disponíveis e, seleciona um determinado assunto em função de uma finalidade. É essa decisão do autor que influirá na construção da imagem final. Assim, a imagem fotográfica é considerada um fragmento do real, já que um assunto é selecionado no momento de sua ocorrência.

Kossoy (2002) divide as fotografias em dois segmentos que ele chama de Realidades Fotográficas. Em resumo, para o autor a primeira realidade é a história particular do assunto registrado e a realidade das ações e das técnicas do processo de criação. A primeira realidade se distingue da segunda ao passo que a primeira se caracteriza por tratar sempre do fator histórico do assunto e a segunda é o momento exato em que a imagem é obtida. Deste modo, a segunda realidade é o assunto representado, a realidade exterior do documento.

2.2.1 Primeira Realidade

Para Kossoy (2002), a primeira realidade reflete sempre o acontecimento no passado, enfocando sempre a história que envolve o assunto para conseguir um registro realmente fiel

do acontecimento. Também trata das ações e técnicas levadas pelo fotógrafo diante de um determinado tema.

Todas as imagens fotográficas possuem dentro de si, uma história, que segundo o autor, trata-se da realidade particular de cada imagem, algo invisível, que não pode ser registrado fotograficamente e se encontra inacessível fisicamente, confirmando a existência de uma primeira realidade em que a imagem se originou.

A imagem fotográfica é, por um único momento, parte da primeira realidade: o instante de curtíssima duração em que se dá o ato do registro; o instante, pois, em que é gerada (seria o momento em que o referente reflete a luz que nele incide sobre a chapa sensível e a imagem é gravada; é o índice fotográfico, provocado por conexão física como assinalou Pierce). Findo o ato, a imagem obtida já se integra numa outra realidade, a segunda realidade”. (Kossoy, 2002, p. 36)

2.2.2 Segunda Realidade

A segunda realidade nada mais é do que um fato que ocorre exatamente na dimensão da imagem captada através da foto, independente do suporte em que ela esteja gravada. Segundo Kossoy (2002, p. 37) “Toda e qualquer fotografia que vemos, seja o artefato fotográfico original obtido na época em que foi produzido, seja a imagem dele reproduzida sobre outro suporte ou meio, será sempre uma segunda realidade”.

Dentro da segunda realidade, encontra-se o que o autor classifica como a realidade exterior, que se caracteriza no aspecto visível da imagem fotografada, fazendo assim com que a mesma se torne um documento. Enquanto a primeira realidade se baseia no real assunto escolhido, a segunda realidade procura explorar a representação das imagens captadas.

Kossoy (2002) ainda afirma que a realidade apresentada por uma fotografia, nem sempre apresenta somente a cena real captada, mas também algumas múltiplas interpretações em diferentes leituras que cada leitor fará da imagem em um determinado momento. A recepção de cada imagem é variada pois sempre depende do nível de cultura que cada leitor possui. Para o autor, cada receptor analisa a imagem de acordo com suas concepções de vida, com a ideologia e com os conceitos individuais que todos carregam.

2.3 LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

As imagens obtidas pelos fotojornalistas são meios de tornar real, ou um pouco mais real, determinados fatos que as pessoas socialmente privilegiadas talvez fizessem questão de ignorar.(SONTAG, 2003). O fotojornalismo utiliza-se da fotografia como um veículo de observação, de informação e de análise da vida social do homem. Ela tem o poder de revelar e expor, além de informar e enfatizar uma informação textual. Pode ser encontrada publicada em jornais e revistas. O fotojornalismo quando estudado, pode apresentar suas linguagens, técnicas e equipamentos que permita a qualquer profissional da comunicação usá-lo num mundo em que exige a capacidade de se dominar as técnicas e linguagens de diversos meios (SOUSA, 2004).

Devido à complexidade do assunto, julga-se que a melhor forma de analisar as definições e alguns conceitos do fotojornalismo seja realizando uma análise no sentido lato e no sentido restrito, levando-se em consideração o que talvez seja o conceito mais importante dessa área do jornalismo, em qualquer sentido criado, o fotojornalismo é uma combinação bem executada entre palavras e as fotografias, uma deve contextualizar e complementar a outra.

a) Fotojornalismo (*lato sensu*) — No sentido lato, entendemos por fotojornalismo a atividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou "ilustrativas" para a imprensa ou outros projetos editoriais ligados à produção de informação de atualidade. Neste sentido, a atividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto; este pode estender-se das *spot news* (fotografias únicas que condensam uma representação de um acontecimento e um seu significado) às reportagens mais elaboradas e planeadas, do fotodocumentalismo às fotos "ilustrativas" e às *feature photos* (fotografias de situações peculiares encontradas pelos fotógrafos nas suas deambulações). Assim, num sentido lato podemos usar a designação fotojornalismo para denominar também o fotodocumentalismo e algumas foto-ilustrativas que se publicam na imprensa.

b) Fotojornalismo (*stricto sensu*) — No sentido restrito, entendemos por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes. (SOUZA, 2000, p. 12)

Sontag (2003) defende que a foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio. Cada um de nós estoca, na mente, centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente. Como dizia o antigo lema da revista *Paris Match*, fundada em 1949: “O peso das palavras, o choque das fotos”. A caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas

vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial e uma fonte de valor.

Um acontecimento se torna realidade, para os espectadores que estão distantes do fato tratado em uma notícia, quando o mesmo pode ser fotografado e representado em uma publicação. O grande fluxo de imagens com as quais o homem está acostumado a ter, como televisão, vídeo e cinema, constituem o nosso meio, porém, quando se trata de recordar um acontecimento marcante, a fotografia consegue transmitir mais credibilidade e ferir mais a fundo. A memória humana é capaz de congelar um quadro e sua unidade básica se torna a imagem isolada. Numa era em que a informação está em todas as partes, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo.

A fotografia tem sempre que conseguir concluir seu objetivo principal, que é traduzir a realidade em seu contexto mais completo e íntegro, para que assim, seja possível que os leitores compreendam os acontecimentos. “Ao possibilitar a apreensão extremamente rápida de uma situação, a fotografia permite inventar cenários, descrever circunstâncias com muito mais precisão e abrangência do que a memória ou mesmo apontamentos escritos”. (GURAN, 1999, p. 16)

Para Humberto (2000), cada fotografia em si deve ser considerada uma obra final ou um simples esboço de uma grande proposta visual que envolve a imagem, porém, tudo sempre depende dos critérios que o autor da imagem utiliza para que assim exista um encontro satisfatório entre os intuítos que fizeram com que a fotografia fosse tirada e o seus resultados finais.

As bordas de um negativo são citadas pelo autor (p. 42) como “o limite do compromisso de um espaço dentro do qual vamos promover o povoamento de uma fotografia”, e ainda conclui que se esta for a proposta que se define antes de uma fotografia, ela deve ser aceita e respeitada.

Para conseguir alcançar seus objetivos, a fotografia passa por um longo processo e talvez o principal deles seja os elementos mecânicos que permitem que a fotografia seja obtida. Dentre os elementos que compõem o momento em que a fotografia é tirada, devem ser destacados a luz, as cores, o momento, o enquadramento, a velocidade e o obturador, as objetivas, o fundo, o equilíbrio, as linhas, os planos, os ângulos e a lei do agrupamento.

2.3.1 Luz

A luz é o fator mais indispensável na prática da fotografia. Segundo Busselle (1999, p. 22), a luz é responsável por criar sombras, o que revela de forma espacial o tom, a textura e os desenhos de cada fotografia.

Podem ser encontrados dois tipos de luzes, a luz dura ou luz direta, que é o termo usado para a luz do sol em dias abertos, que fará com que as sombras apareçam mais densas, aumentando assim, o contraste das fotos. E também existe a luz difusa, que é representada por um dia com céu nublado. Além das duas formas de luz, quando a iluminação de qualquer local não é suficiente para realização da foto, utiliza-se o flash para que essa carência de iluminação seja suprida.

Além da luz dura e a luz difusa, outro componente interfere na qualidade da iluminação das fotos, a direção em que a foto é tirada. Existem três tipos de direção, a incidência lateral, que é quando se consegue transmitir com a melhor qualidade possível, sensações de relevo e profundidade. A direção frontal, que tende a eliminar todas as sombras da imagem e a chamada contraluz, que geralmente é utilizada quando não se quer mostrar os detalhes do que vai ser fotografado, diminuindo os registros do relevo nas imagens.

2.3.2 Cor

Existem duas possibilidades dentro da fotografia, utilizar imagens coloridas, que demonstrem assim a realidade em todos os seus detalhes, ou optar por utilizar-se de fotografias em preto e branco.

Para Guran (1999) a cor por si só é uma informação muitas vezes insubstituível, porém, com a utilização da fotografia colorida, acaba-se perdendo um pouco do seu potencial interpretativo. Já na fotografia preto-e-branco, como ela apresenta os fatos somente em tons de cinza, o modo de se realizar a leitura e interpretação desse tipo de imagem é diferente do normal, por isso a imagem se torna mais interpretativa que a colorida.

2.3.3 Momento

No fotojornalismo, a escolha do momento exato para se tirar uma foto, é fator crucial para que a imagem consiga alcançar seu objetivo principal. O momento é a única parte da linguagem fotográfica em que o autor é livre para decidir como vai ser a foto.

Cada momento deve ser escolhido com muita precisão, e caberá sempre ao fotógrafo determinar qual é o momento exato para realização da fotografia. Cada momento é único e nunca se repete, o que enfatiza a importância do mesmo.

Humberto (2000) trata do momento em que a fotografia é tirada como um momento cheio de pontos obscuros e que a ação do fotógrafo é algo quase que intuitivo, ou algo parecido com pequenos lapsos de tempo, muito pequeno e que em muitas vezes, se torna praticamente impossível conseguir racionalizar antes de fazer a imagem.

O produto final, resultado desse momento, vai sempre ser resultado da capacidade de um fotógrafo conseguir perceber com clareza, o instante ideal e capturar para dentro das câmeras, a surpresa do instante. Para Humberto (2000, p. 58.) a decisão de se tirar uma foto pode se manifestar como um “indagação profunda sobre a vida, ou, simplesmente pelo fascínio visual exercido por algum objeto ou situação que nos desafia”

2.3.4 Enquadramento

Para que um fotógrafo consiga obter um enquadramento perfeito em sua fotografia, é essencial que o seu posicionamento seja adequado com o instante. Enquadrar uma cena, nada mais é do que conseguir manter a harmonia de todos os componentes da foto de maneira organizada.

O enquadramento depende única e exclusivamente do fotógrafo responsável pela foto e geralmente as imagens só recebem o seu devido valor se estiverem com enquadramento correto, para que os leitores consigam compreendê-las.

2.3.5 Velocidade e Obturador

O obturador é um dispositivo encontrado em todas as máquinas fotográficas tanto nos modelos antigos, quanto nos modelos digitais, que tem como principal função abrir e fechar a lente ou sensor da câmera, controlando o tempo de exposição à luz do filme. De maneira mais prática, o obturador funciona como uma espécie de cortina que protege a câmera da penetração da luz. Quando o disparador é acionado, o obturador se abre e dependendo da velocidade programada, permite a entrada da luz.

A velocidade na concepção da imagem se refere ao tempo de exposição do obturador à luz, ou seja, é o tempo em que o obturador vai se manter aberto deixando assim que a luz que irá atingir a película fotográfica ou o sensor digital seja capaz de formar uma imagem.

Para Sousa(2004), uma das linguagens mais utilizadas no meio fotojornalístico é o congelamento dos movimentos, que só é possibilitado pela abertura do diafragma durante a ação do fotógrafo. Com esse congelamento, o equipamento fotográfico consegue captar elementos não visíveis a olho nu.

2.3.6 Objetivas

A objetiva é um elemento contido nas câmeras fotográficas que foca a luz da imagem. Geralmente podem ser embutidas nas câmeras ou podem ser removíveis em determinados modelos de máquinas. Além de controlar os níveis de luminosidade, também são responsáveis por determinar a aproximação do objeto focado.

Existem diversos tipos de objetivas que são muito utilizadas pelos fotógrafos, eis algumas:

- **Objetivas Normais:** é considerada como uma lente normal, em que a sua distância simula o ângulo de visão humano e consegue passar a sensação de observação ao receptor da imagem. É a lente mais utilizada por fotógrafos amadores e profissionais.

- **Grande Angular:** Possui como sua principal característica, conseguir alcançar uma área de visão muito maior do que as objetivas normais. É considerada por profissionais como a mais apropriada para a realização de fotos de paisagens ou para situações em que haja pouca distância em ambientes pequenos. Se destaca também por proporcionar grande profundidade de campo às imagens.

- **Teleobjetiva:** São as mais recomendadas para se obter fotografias de longa distância. Com sua lente de 135mm, o profissional poderá se manter a uma distância bem grande do objeto focado. Seu principal detalhe é que a imagem pode ser desfocada com muita facilidade, devido a pequena profundidade de campo que a mesma proporciona.

- **Objetiva Zoom:** É considerada uma lente multi-uso, pois alcança várias distâncias focais - podem funcionar como uma lente normal, uma grande angular ou uma teleobjetiva.

2.3.7 Fundo

Em muitas ocasiões, o fundo de uma determinada fotografia deve ser escolhido com muito cuidado, pois geralmente a compreensão da mensagem que a foto quer passar depende da composição do fundo do ambiente em que o momento será registrado.

Segundo Sousa (2004), todos os componentes que aparecem em um plano de fundo de qualquer fotografia se torna extremamente importante para realçar todo o conteúdo da imagem.

2.3.8 Equilíbrio e Desequilíbrio

O equilíbrio encontrado em uma fotografia não é nada mais do que o fotógrafo conseguir encontrar uma simetria fotográfica, ou seja, conseguir manter o objeto que será fotografado no centro da imagem.

Existem dois tipos de equilíbrio como afirma Sousa (2004), o equilíbrio Dinâmico e o Estático e a diferença entre eles pode se dar observando duas imagens. O equilíbrio estático pode ser exemplificado em uma fotografia com dois rostos corretamente posicionados um em cada extremidade da imagem. Já o equilíbrio dinâmico pode ser exemplificado em uma imagem em que um adulto esteja em um canto da foto e uma criança esteja do lado oposto.

O desequilíbrio em uma fotografia se caracteriza pela ação de um fotógrafo registrar uma pessoa em um determinado canto da imagem sem se preocupar em centralizar a fotografia.

2.3.9 Linhas

Souza (2004) afirma que as linhas de uma fotografia podem ser observadas de duas formas, implícitas e explícitas. As implícitas podem ser observadas em imagens que contenham por exemplo, duas pessoas se observando de modo que o olhar de uma delas trace uma linha até os olhos da outra. As explícitas podem ser registradas em fotografias que contenham superfícies planas ou muros, entre outras coisas.

Além disso, a linha pode proporcionar diversos efeitos em uma imagem como as curvas, que segundo o autor, transparecem a sensação de movimento da imagem registrada; e a distensão, que passa a idéia de arejamento do ambiente registrado ou a concentração, que trata de ambientes mais fechados como cavernas e outros ambientes escuros, dando a sensação de claustrofobia.

2.3.10 Planos

Para Sousa (2004, p. 67) existem na expressão fotográfica, quatro principais planos que são capazes de gerar efeitos diferentes na imagem:

- **Plano Geral:** tem como sua principal função situar o receptor na cena fotografada. É muito utilizado na cobertura de manifestações ou grandes eventos.

- **Plano Conjunto:** é classificado como um plano mais geral e fechado.

- **Plano Médio:** através da relação existente entre objetos e sujeitos, o fotógrafo é capaz de aproximar-se de uma visão objetiva da realidade.

- **Grande Plano:** destacam particularidades e muitas vezes se tornam mais expressivos do que informativos tornando menos polissêmicos que os planos gerais.

2.3.11 Ângulos

Sousa também classifica os ângulos como um dos principais elementos da fotografia e dá grande importância para os três tipos que ele classifica como:

- **Normal:** Se dá através da tomada na altura dos olhos, obtendo uma imagem positiva.

- **Picado:** Fotografa-se de cima para baixo, fazendo com que o elemento fotografado se torne de pouca importância.

- **Contrapicado:** Tomada de baixo para cima, tende a valorizar o elemento fotografado

2.3.12 Lei do Agrupamento

A lei do agrupamento determina que quanto mais perto os objetos ficam, mais eles se atraem. Segundo Sousa (2004) imagens que registram por exemplo, dois jogadores de futebol disputando uma jogada, atraem mais força visual do que uma imagem de um plano geral do campo, onde essa cena mais atrativa se perderia em meio à outros vários elementos.

2.4 FOTOJORNALISMO NOS DIAS DE HOJE

Um dos idealizadores do fotojornalismo, como ele é visto na atualidade, foi Erich Solomon, que foi o responsável por criar um novo estilo de fotografia, a fotografia não posada, aquela em que o fotografado não segue um protocolo e não faz pose para aparecer na

imagem. Esse tipo de fotografia também é chamada de foto viva, um estilo que tentava surpreender os fotografados e buscava sempre a naturalidade do ato.

“No enquadramento selecionador do que o fotojornalista entende que é significativo numa cena vasta, na manutenção de uma composição simples, na escolha de um único centro de interesse em cada enquadramento, na não inclusão de espaços mortos entre os sujeitos representados na fotografia, na exclusão de detalhes externos, na inclusão de algum espaço antes do motivo, no preenchimento do enquadramento, na "agressividade".” (SOUSA, 2000, p. 20)

Apesar de toda a evolução em que o fotojornalismo passou, sua principal característica, que é ser um meio jornalístico de transmitir a verdade (SOUSA, 2000) continua a mesma desde o início. A fotografia registra a verdade, o profissional responsável pela imagem é sempre testemunha viva de um acontecimento. Esta noção de que a fotografia é um espelho do mundo real, está ligada diretamente com os primórdios da fotografia e mesmo com todos os avanços tecnológicos, nunca deixará de ter o mesmo sentido que tinha quando foi inventada. Quando a fotografia surgiu, ela desenvolveu-se em uma época em que o valor dos fatos era muito grande e as fotos eram vistas como um registro e funcionavam como prova. A partir disso, também foi utilizada como um meio de se chegar à algum lugar, se ligou à ciência, aos governos, aos militares, à indústria e só a partir daí, ligou-se com as organizações responsáveis por notícias.

As fotos, sustenta Woolf (1938, apud SONTAG 2003, p. 26), “não são argumentos; são simplesmente a crua constatação de um fato, dirigida ao olho”. [...]

“O olho está ligado ao cérebro; o cérebro, ao sistema nervoso. Esse sistema envia suas mensagens na velocidade de um raio através de toda a memória do passado e do sentimento do presente” Esse truque de ilusionista permite que as fotos sejam um registro objetivo e também um testemunho pessoal tanto uma cópia ou uma transcrição fiel de um momento da realidade como uma interpretação dessa realidade – um feito a que a literatura aspirou por muito tempo mas que nunca conseguiu alcançar, nesse sentido literal. (WOLF, 1938 apud SONTAG, 2003, p. 26).

Atualmente, a tecnologia existente facilita que os profissionais possam manter uma melhor conservação de seu material através de armazenamento em bancos de dados virtuais. Com isso, os arquivos possuem fácil localização sempre que necessária além de possibilitar a inclusão de todo tipo de texto relacionado à figura a qualquer momento. Porém, as

modernidades não trazem só coisas boas, com ela, facilitou-se e muito a possibilidade da manipulação das fotografias, criando-se então, uma nova fonte de preocupação para os profissionais e também, um novo desafio para que os jornalistas e profissionais da área consigam manter e prezar pela honestidade e tenham segurança suficiente para seguir sua ética e sua deontologia.

Segundo afirma Sousa (2000) “A utilização crescente das novas tecnologias de tratamento digital da imagem coloca na ordem do dia o debate sobre a manipulação imagética, agora facilitada, e questiona as consequências do efeito-verdade e da verosimilitude.” O autor confirma ainda que as normas e o sentido ético condicionam os profissionais e se tornaram assim, um fator conformativo das rotinas dos repórteres fotográficos. Deve ser dito também que com as modernidades oferecidas pela ciência, os profissionais possuem mais controle sobre o seu produto final, e isso, acabou se tornando um direito de todos os fotojornalistas, que deve ser respeitado pelos códigos vigentes.

As inovações tecnológicas pelas quais o fotojornalismo passou, provocou diversos conflitos e criou novas necessidades aos profissionais do ramo que tinham de se manter em uma readaptação constante aos novos modelos, as novas táticas e até as estratégias para a captação da imagem, o processamento das imagens, a seleção e a distribuição das mesmas como meio de informação. Na atualidade, a fotografia digital e as inovações da informática provocam um novo tempo de dúvidas no fotojornalismo. Os jornalistas começaram a colocar em cheque a natureza das fotografias como um documento. Os novos padrões éticos e as novas responsabilidades impostas pela legislação estão sempre na pauta de debates entre os profissionais. O fotojornalismo está traçando novas fronteiras delimitadoras e definidoras em seus estatutos e em códigos de ética.

2.5 FOTOJORNALISMO NA COBERTURA VIOLENTA

Com base no que foi visto anteriormente, o fotojornalismo começou na cobertura de guerras, a até hoje vive na fotografia de imprensa. Deve-se ressaltar que não só as fotografias de guerras, mas também de catástrofes naturais, ganham um maior destaque. Perspectivas culturais, políticas e ideológicas com fatores econômicos, históricos e ambientais, onde estão inseridos os fotógrafos, quase não vencem os interesses do fotojornalismo pelas guerras e catástrofes. As fotografias de guerras e tragédias, que retratam morte, têm seu espaço reservado para sua divulgação. No entanto ao divulgar essas fotos, o fotojornalismo não

inova, apenas exacerba, na era da reprodutibilidade técnica, uma antiga tradição da necessidade do homem de representação da morte e assim trazendo-a para perto de si.

Na fotografia de atrocidades, as pessoas querem o peso do testemunho sem nódoa do talento artístico, tido como equivalente à insinceridade ou à mera trapaça. Fotos de acontecimentos infernais parecem mais autênticas quando não dão a impressão de terem sido “corretamente” iluminadas e compostas porque o fotógrafo era amador ou – o que é igualmente aproveitável – adotou um dos diversos estilos sabidamente antiartísticos. Ao voarem baixo, em termos artísticos, essas fotos são julgadas menos manipuladoras – hoje, todas as imagens de sofrimento amplamente divulgadas estão sob essa suspeita – e menos aptas a suscitar compaixão ou identificação enganosa. (SONTAG, 2003, p. 26)

Com uma indagação profunda, Humberto (2000) tenta explicar porque um fotógrafo que registra em sua lente a dor de alguém, se sente tão culpado uma vez que não foi ele o culpado pela tragédia.

Para o autor, um fotógrafo que registra determinadas imagens de dor não pode ser considerado um oportunista do drama alheio, ele só está ali fazendo seu trabalho, que o coloca diante da impotência para evitar que algo aconteça. Fotografar tragédias não significa que o profissional seja frio em relação aos acontecimentos, mas sim, que ele tem um compromisso de documentar os fatos e a fragilidade da vida.

As fotografias de dor devem sempre manter uma motivação reflexiva que seja capaz de fazer com que o receptor possa pensar no acontecimento.

No campo ético que envolve essas questões, torna-se muito difícil estabelecer critérios para demarcar os limites entre o que deve ou não ser registrado. Para Humberto (2000), nunca existirão regras definitivas para isso pois no final do ciclo de produção de uma fotografia, sempre haverá um receptor cheio de dúvidas.

O fato de uma imagem ser ou não publicada só pode ser levado em consideração a partir do momento em que se tem a imagem registrada e para que isso aconteça, o profissional não pode se autocensurar na hora de produzir a imagem pois qualquer decisão só pode ser tomada se o material estiver em mãos.

2.6 ÉTICA

Antes de aprofundar este assunto, é necessário que a ética seja definida por um conceito.

“ética é entendida como um estudo ou uma reflexão científica ou filosófica e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.”
(VALLS, 2003, p. 12)

Segundo Banmgarten (2009), a ética é uma característica existente em toda nação humana, por isso, se tornou um elemento vital na formação da sociedade ao longo dos anos. Todo homem possui um senso ético, e se mantém em constantes avaliações e julgamentos de determinadas ações para saber se elas são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas. Existem sempre comportamentos que podem ser classificados sob a ótica do certo e errado, do bem e do mal e essas classificações sempre têm relação com os princípios culturais que prevalecem em determinadas sociedades. A ética se relaciona ao desejo de realizar a vida, mantendo com os outros relações justas e aceitáveis, sempre se fundamentando em ideias de bem e virtude, enquanto valores perseguidos por todo ser humano e cujo alcance se traduz numa existência plena e feliz.

Segundo o que afirma Vazquez (1982), a ética é uma palavra de origem grega que significa entre outras coisas, caráter. No dia a dia de um profissional seja de qual área for, a ética vai passar a significar o que um indivíduo faz de forma correta, sem que prejudique ou tire proveito de alguma pessoa ou situação. A ética se confunde muito com a Moral e, por muitas vezes, com leis, o que não se deve acontecer de maneira alguma pois se tratam de três coisas distintas em seu significado real, mas próximas em seu objetivo.

Vazquez (1982) ainda afirma que a ética não pode nunca ser confundida com a moral, pois a moral é tratada como um conjunto de normas, costumes e princípios, diferente da ética que enfatiza sempre através da teoria, um modo de justificar os costumes de todas as sociedades. Também não se pode confundir a ética com Leis pois as leis são obrigações determinadas por um órgão responsável e o seu não cumprimento acarreta em punições, diferente da ética em que existem sugestões de como se deve agir em seu dia a dia.

Mesmo sem podermos confundir ética e moral, Vazquez (1982) confirma que ambas estão presentes diariamente em nossas vidas e geralmente são utilizadas como sinônimos, pois

não conseguimos sempre fazer distinção de cada significado. Para se ter consciência na prática dos conceitos éticos de cada um demos começar a refletir e buscar sempre as respostas para as escolhas que fazemos em nossas vidas. Geralmente o ser humano age pela força do hábito dos costumes e tradições dos meios em que vive e com isso, costuma naturalizar a realidade social, política e cultural do ambiente. Com isso, perde-se a capacidade e o senso crítico de se analisar a realidade, ou seja, não consegue exercer seus princípios éticos da maneira ideal.

Constantemente o ser humano enfrenta situações em que são colocados contra problemas diretamente ligados a questões éticas. Geralmente são problemas da vida social de cada um, ou seja, problemas inteiramente relacionados às decisões e escolhas que os homens tomam, e essas decisões exigem sempre um julgamento próprio dos valores éticos vigentes, como bom ou mal, justo ou injusto, entre outras.

2.6.1 Ética na Comunicação

Segundo Kosovski (1995) Os meios de comunicação talvez sejam hoje, o maior centro de manipulação que existe. A comunicação trabalha geralmente com formas de transmissão de alguma mensagem, seja ela notícia, publicitária ou de qualquer outro gênero. Sendo assim, a comunicação tem o poder de manipular as informações que vão ao público e também, formas opiniões de acordo com os interesses.

Nesse meio, geralmente as informações são preparadas de acordo com o que se quer transmitir, e contra isso ou para tentar evitar que esse tipo de coisa aconteça, existem normas e alguns princípios éticos que direcionam a conduta dos profissionais da comunicação para que os mesmos consigam sempre seguir de maneira correta no exercício da sua profissão.

Seguindo para o campo ético da comunicação, Kosovski afirma que dentro disso é notório que o profissional da comunicação geralmente tem em suas mãos a imensa responsabilidade de conseguir exercer sua atividade informativa sem se corromper ou corromper o seu público alvo. Dentro disso, destacam-se os efeitos sociais que a informação pode causar em um ambiente e os riscos que essa informação pode trazer.

Jornais, revistas, emissores de rádio e televisão dedicados ao jornalismo, assim como os sites informativos na internet, nada disso deve existir com a simples finalidade de gerar empregos, fortunas e erguer os impérios da mídia; deve existir porque os cidadãos têm direito à informação (garantido em todo o mundo democrático, sobretudo desde a declaração dos Direitos do Homem, de 1948, que estabelece, no artigo 19, o direito à liberdade de

opinião e expressão, que inclui a liberdade de ‘procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras’, e garantindo também no Brasil, pela Constituição Federal, artigo 5º - XIV) (SOBRE ÉTICA E IMPRENSA, p. 33)

2.6.2 Ética no jornalismo

Todas as profissões possuem códigos que sugerem a conduta ideal que cada profissional deve seguir para poder conseguir formar profissionais cada vez mais competentes, são os chamados Códigos de Ética. Dentro do jornalismo existe um código criado em 1987 que determina certos pontos cruciais para que a informação seja transmitida de maneira correta sem que se torne prejudicial para as partes envolvidas. Porém, o código de ética não limita a profissão do jornalista, somente apresenta recomendações do exercício da profissão. Mesmo não sendo obrigatório o seu cumprimento, existe uma Comissão de Ética formada por membros eleitos em Assembléia, que avalia determinados casos do descumprimento das recomendações.

Dentre algumas determinações podem ser citadas tais como :

- *Artº 1 - O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse.*
- *Artº 3 - A informação divulgada pelos meios de comunicação pública se pautará pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo.*
- *Artº 7 - O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.*
- *Artº 13 - O jornalista deve evitar a divulgação de fatos:*
 - b) De caráter mórbido e contrários aos valores humanos.*

2.7 ÉTICA NO FOTOJORNALISMO

Quando se questiona a ética do repórter fotográfico na imprensa escrita, existem situações que merecem receber certo destaque como a exposição que o profissional recebe,

um repórter fotográfico atua sempre no local do acontecimento em questão, o que faz com que o mesmo se torne um alvo fácil de críticas, diferente de um redator que, muitas vezes, não precisa estar em campo para composição de uma matéria.

Mais importante do que isto, a necessária seleção que o fotojornalista faz da realidade visível, de forma a representar um segmento dessa realidade numa imagem fotográfica, é, em si mesma, frequentemente problemática. O caso classicamente mais apresentado é o das manifestações. Que imagem selecionar, quando o editor apenas pede uma foto? Aquela que mostra um breve instante de conflito físico durante uma manifestação pacífica de várias horas? Aquela que se baseia num plano geral, conseguido através da utilização de uma objetiva grande-angular, onde os manifestantes parecem compor um grupo disperso, ou aquela em que se usou a teleobjetiva para ir buscar um grupo pequeno, mas particularmente ativo, de manifestantes, que enche o enquadramento? A escolha é muito difícil e tem sempre efeitos ao nível da construção social da realidade. (SOUSA, 2002, p. 138)

Apesar de todas as censuras sofridas ao longo de muitos anos, a história do fotojornalismo consegue ser muito maior do que seus percalços. A fotografia acabou sendo um meio que o mundo encontrou e decidiu aceitar para poder ser apreendido e apresentado. As imagens que um dia fizeram parte e ajudaram a construir a história do mundo, continuam a fazer parte pois conseguem sempre fazer presentes todos os que já não se encontram mais entre nós. Essa é a função primordial de uma imagem. O vínculo que ela mantém não pode e nem deve ser quebrado nunca por falta de confiança nos profissionais responsáveis por sua produção.

Todas as profissões possuem uma legislação que rege as atividades de seus profissionais, bem como, determinam seus limites deontológicos e também os limites entre a liberdade e a responsabilidade de um jornalista. Sousa (2001) pressupõe sempre que as pessoas são livres dentro das regras e condições que a sociedade impõe a cada um através de suas determinações éticas.

Em relação ao jornalismo, segundo o autor, a principal liberdade que os profissionais necessitam, é a de expressão, que compreende um ciclo que se limita a receber ou comunicar as informações sem nenhuma influência de quem quer que seja. "Toda pessoa tem direito à liberdade de expressão, liberdade de opinião e a liberdade de receber ou comunicar informações ou ideias sem haver ingerência das autoridades" (SOUSA, 2001, p. 85).

O direito humano à informação, por seu turno, consiste na liberdade que cada indivíduo tem de "investigar e receber informações e opiniões e de difundi-las, sem limitação de fronteiras, por qualquer meio de expressão", segundo se estipula no Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em Paris, a 10 de Dezembro de 1948.

Sousa (2001) ainda afirma acreditar que alguns candidatos a jornalista e até alguns jornalistas estão muito distantes da ética que rege a profissão, entretanto, o autor afirma que diversos questionamentos éticos são colocados aos jornalista quase que diariamente, e que esses problemas são criados graças a crescente projeção do jornalismo como um negócio e a notícia como seu principal produto de venda.

Assim como diversos outros autores citam, Sousa (2001) também enfatiza o fato de que em certas ocasiões, as fotografias possuem maior impacto do que as palavras. Com isso, torna-se ainda mais importante enfatizar a importância de um debate ético no campo do fotojornalismo para que as questões desse domínio sejam tratadas com mais responsabilidade.

Segundo o autor, as questões mais discutidas no âmbito ético e deontológico são relacionadas a “realização e difusão de imagens que colocam em causa o direito à privacidade, que afectam determinados valores ou que representam situações violentas, traumáticas ou chocantes.” (SOUSA, 2001, p. 99).

Para Sousa, falar de ética implica em falar também de uma perspectiva e isso só acontece por conta da generalidade das situações do jornalismo concreto e do jornalismo visual, por exemplo um leitor de um jornal que poderá ou não se sentir incomodado, chocado ou ofendido ao se deparar com imagens traumáticas como a de uma família e seu sofrimento com a morte de um ente querido. E esse leitor poderá assimilar as imagens de uma forma diferente da que o fotojornalista que realizou a foto quis transmitir.

De qualquer modo, e destacando a ideia de que falar de ética implica falar de uma perspectiva, o fotojornalista consciente, enquanto ser inquieto, deve sempre interrogar-se quando explora temas violentos: Será o acontecimento fotografado de tal dimensão sócio-histórica e cultural que o choque do observador é justificável? A violência será necessária para a compreensão do acontecimento ou para a sua corroboração? (Sousa, 2001, p. 99)

Registrar a imagem de um criminoso morto pela polícia, talvez não seja uma razão aceitável para se publicar uma imagem deste nível, mas o autor afirma que “mostrar como se mata facilmente, como na célebre fotografia de Eddie Adams, no Vietname (1968), já parece ter justificação editorial”

Segundo Colson (1995, p. 216-217 apud SOUSA, 2001), determinadas imagens causam desconforto a certas pessoas, ao mesmo tempo que não representam nada para outras. Para tentar explicar isso o autor enumera alguns fatores como: a) a dificuldade de interpretar a conotação fotográfica; b) o fato de o contexto em que a foto é apresentada direcionar a interpretação da mesma; c) a tendência de o observador ver as suas próprias projeções nas fotografias; d) a separação entre fotógrafos e observadores.

O que deve-se levar sempre em consideração são as mudanças que a ética sofreu com o passar dos anos, como exemplos, Sousa (2001, p. 101) cita que até os anos 30 era aceito que as pessoas posassem para as fotografias devido às limitações tecnológicas da época. “Grande parte dos processos de tratamento de fotografias que hoje em dia se desenvolvem usando computadores e que estão no centro de um intenso debate ético, foram amplamente usados nos velhinhos laboratórios”.

Para Lester (1991, p. 29 apud SOUSA, 2001) a maioria dos problemas éticos que existem no fotojornalismo se dão por conta da “inexistência de respostas quando elas são mais necessárias. E muito menos haverá respostas universais, essa situação agudiza o problema”.

2.8 A MORAL E A ESTÉTICA DA IMAGEM

Em Rorty (1989: XVI apud SOUSA, 2001) o autor defende que existe uma relação entre a estética e a moral. Ele afirma que a representação fotográfica do outro funciona como “a superfície de uma mais compulsiva profundidade moral, isto é, como a superfície de significados de natureza moral mais profundos”. Com isso, iria ser criada uma identidade entre a imagem representada e o significado da ação moral, Sousa defende que “a superfície do significante, que é a imagem em representação, deveria ser lida e interpretada pelos significados que sustenta (representa)”.

Sousa afirma que não se é pertinente discutir os fundamentos que a ciência e a moral possuem, porem, ele destaca duas considerações importantes para complementar o discurso anterior.

- 1) A estética do fotojornalismo, da infografia, etc., ao afetar as representações que se constroem dos outros e de outros seres, tem implicações morais e éticas que devem ganhar expressão deontológica.

2) Em todo o caso, um determinado conteúdo estético pode criar ou reforçar empatias, quanto mais não seja nos públicos previamente sensibilizados para as questões imagetivamente tratadas, pelo que a questão do inter-relacionamento entre a estética e a moral se mantém. Aliás, embora a questão possa ser problemática, o sofrimento imagetivamente representado, por exemplo, tende a produzir solidariedades, pelo que, de algum modo, é necessário. (SOUSA, 2001, p. 103)

2.9 QUESTÕES PARA O DEBATE ÉTICO

Sousa aborda em seu livro diversos pontos que podem ser levados em consideração para se aprofundar em um debate ético dentro do fotorjornalismo, mas dentre tantas citadas pelo autor, algumas se encaixam melhor nos objetivos desse trabalho.

Um desses pontos citado é o equilíbrio, que Sousa cita Aristóteles em sua argumentação. Segundo o autor, o filósofo utilizava o equilíbrio em suas decisões, ou seja, ele assumia sempre um compromisso com os dois pontos de vista envolvidos em ações extremas. Baseando-se nisso, podemos analisar os casos de situações de imagens violentas ou de acontecimentos graves. Determinados eventos devem obrigatoriamente ser registrados, o que cabe é o profissional do fotorjornalismo conseguir ponderar a situação e manter o equilíbrio na imagem, não utilizando-se de closes ou imagens mais fechadas do acontecimento, assim, seu dever seja cumprido sem correr riscos de ofender a imagem de ninguém.

Outro ponto citado por Sousa (2001) é a chamada transferência, que na prática explica-se pelo profissional do fotorjornalismo conseguir colocar-se no lugar da pessoa que será fotografada para tirar suas conclusões. “Se achar que a fotografia é aceitável, então pode fotografar ou selecionar essa imagem já realizada. Se julgar que a fotografia não é aceitável, então não a deve fazer ou selecionar”. (SOUSA, 2001, p. 110)

Um dos mais nobres pontos que o autor cita, é chamado de mandamento principal, que nada mais seria do que um ato de compaixão do profissional com a situação em que ele está preparado para registrar. “Dentro desta perspectiva, um fotorjornalista deve procurar minimizar os danos que para os fotografados resultem da publicação de determinadas fotografias, se essa publicação for imprescindível”. Como exemplo, o autor cita que imagens de uma pessoa sofrendo pela dor de uma situação registrada, ao ver a imagem, terá sua dor agravada.

3 ANÁLISES



Figura 1

Fonte: Folha de S. Paulo de 27 de Maio de 2009.

Autor: Daniel Ramalho/CPDocJB

Legenda: Torcedor do Fluminense dá soco em Diguinho durante o treino de ontem da equipe nas Laranjeiras.

Primeira Realidade:

Cerca de 30 integrantes da torcida organizada “Young Flu”, a maior do Fluminense, invadiram o treino da equipe no centro de treinamentos das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

Os torcedores fizeram protestos violentos contra a má campanha da equipe que mesmo tendo um dos elencos mais caros do Brasil, ainda não conseguiu empolgar os torcedores ficando fora das fases finais do Campeonato Carioca, Copa do Brasil e um péssimo desempenho no início do Campeonato Brasileiro.

Durante o protesto, os torcedores invadiram o campo em que a equipe treinava e o jogador Diguinho acabou se desentendendo com alguns membros da Organizada que o agrediram com socos até que os seguranças do clube pudessem intervir. Além disso, o carro do atacante Fred, principal estrela da equipe, foi todo amassado e alguns tiros foram disparados para o alto.

Segunda Realidade:

Na foto pode-se perceber um grande número de pessoas em uma confusão generalizada. São jogadores do Fluminense, torcedores do mesmo clube e alguns funcionários.

No centro da imagem nota-se com clareza um torcedor acertando em cheio um soco na cara do jogador Diguinho, enquanto os seguranças do clube tentam conter a confusão.

A legenda da imagem deixa claro que a situação ocorreu durante os treinos da equipe no Rio de Janeiro.

Para evitar que a identidade dos envolvidos fosse claramente divulgada, o fotógrafo optou por utilizar-se de um plano mais aberto, sem dar tanto destaque para os envolvidos e sim para a ação.

Análise Ética:

A imagem analisada mostra uma cena de violência não muito comum no nosso dia a dia por se tratar de uma confusão envolvendo jogadores e torcedores e nas circunstâncias em que a mesma foi obtida, em um treino de um clube de futebol, com um jogador e um torcedor brigando.

Nessa imagem não se pode colocar em cheque a conduta do fotógrafo, pois o mesmo agiu de modo correto, baseado no que diz o código de ética dos jornalistas em seu artigo terceiro: *“A informação divulgada pelos meios de comunicação pública se pautará pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo.”*

O objetivo do fotógrafo com certeza foi obter uma imagem que causasse impacto, mas sem ferir o direito moral de nenhuma das partes envolvidas e até por isso o fotógrafo preferiu não se utilizar de recursos como o zoom e sim, manter o plano geral que é ideal para esse tipo de acontecimento.

A imagem apenas retratou o acontecimento sem precisar se preocupar com possíveis efeitos negativos que ela poderia trazer. Mas essa imagem pode acabar tendo efeitos negativos como o de acabar se tornando uma apologia à essa ação, ou seja, pode causar motivação em outros torcedores a irem ao mesmo local e repetir a ação.

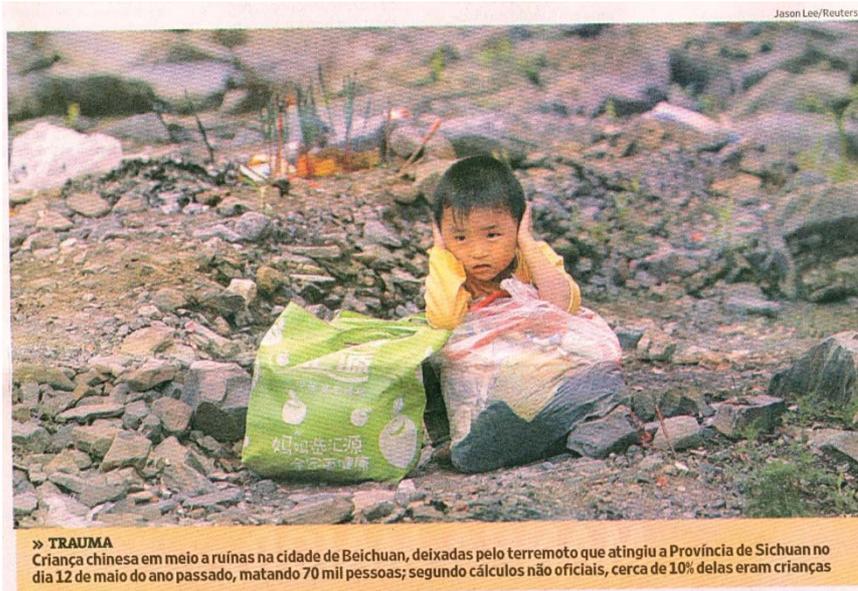


Figura 2

Fonte: Folha de S. Paulo de 11 de Maio de 2009

Autor: Jason Lee/Reuters

Legenda: Trauma – Criança chinesa em meio a ruínas na cidade Beichun, deixadas pelo terremoto que atingiu a Província de Sichuan no dia 12 de maio do ano passado, matando 70 mil pessoas, segundo cálculos não oficiais, cerca de 10% delas eram crianças.

Primeira Realidade:

O terremoto que atingiu a cidade de Sichuan foi um dos mais violentos abalos sísmicos que a China já registrou em toda a sua história. O tremor, que atingiu cerca de 8,0 na escala Richter foi sentido em localidades tão longínquas como Beijing e Xangai, onde diversos edifícios também balançaram, além de outros países como Paquistão e Tailândia.

Estima-se que mais de 85.000 pessoas morreram no dia e mais de 358.000 ficaram feridas devido ao tremor. Na área de Mianzhu, perto do epicentro do sismo, e da cidade de Mianyang, houve um grande número de vítimas, assim como perto do condado de Beichuan Qiang, onde 80% das construções foram destruídas.

Segunda Realidade:

A imagem mostra uma criança de aparência oriental e classificada pela legenda como sendo chinesa, com o rosto visivelmente abalado e entristecido com cara de choro.

A criança esta sentada no chão em meio a pedras e escombros resultantes do terremoto que atingiu a cidade e tem duas sacolas ao seu lado com roupas dentro, além disso, a criança esta tapando os ouvidos com medo de algum possível estrondo que lhe cause pavor.

Análise Ética:

A imagem se caracteriza por possuir um ar de tristeza no olhar da criança registrada. Até que ponto uma foto como essas é noticiosa para um jornal? Essa imagem não traz consigo nenhum tipo de informação ou comprovação de algum fato, deixando de lado um dos maiores, se não o maior, dos princípios do fotojornalismo, que seria servir como testemunho da realidade.

A utilização da imagem da criança em desespero pode gerar certo desconforto em alguns dos leitores, porém, o jornal utiliza-se da estratégia de que a imagem de qualquer criança chama a atenção dos leitores, e isso é responsável por vender jornais.

O que se deve questionar é por que não acompanha junto com a foto, a notícia do acontecimento em questão. Qual o propósito de se colocar essa imagem em uma publicação relatando um acontecimento de mais de um ano atrás da data da publicação? A imagem de menores de idade geralmente não são publicadas para se preservar o direito das crianças. O único responsável por essa situação desconfortável é o jornal que escolheu publicar a imagem mesmo que ela fosse desnecessária. Em muitos casos, o fotógrafo é quem menos interfere na situação, uma vez que quem escolhe o que vai ser publicado é o editor do periódico.

Um dos autores mais citados do fotojornalismo, Sousa (2001) enfatiza que em certas ocasiões, as fotografias possuem maior impacto do que as palavras. Com isso, torna-se ainda mais importante enfatizar a importância de um debate ético no campo do fotojornalismo, para que as questões desse domínio sejam tratadas com mais responsabilidade.



Figura 3

Fonte: Folha de S. Paulo de 13 de Maio de 2009

Autor: Associetad Press

Legenda: Civis da etnia tâmil refugiam-se em hospital improvisado em Muliaitivu, local controlado por rebeldes

Primeira Realidade:

O Sri Lanka se tornou uma país no ano de 1948, quando conseguiu conquistar sua independência junto à Inglaterra. A partir de seu surgimento, a língua oficial do país deixa de ser o tâmil e passa a ser o cingalês. Com isso, na década de 70, surge um grupo de rebeldes denominados de Tigres Tâmeis.

Na região onde tropas do governo e os separatistas se enfrentam há vários meses, existe um único hospital em funcionamento, esse prédio sofreu o segundo ataque em dez dias. Desta vez, 49 pessoas morreram e outras 50 ficaram feridas, sendo na maioria pacientes internados. No ataque anterior, em 2 de maio passado, 64 morreram.

O ataque aconteceu depois de um fim de semana violento, no qual os conflitos entre tropas do governo e os rebeldes do grupo Tigres Tâmeis, encurralados em uma pequena zona de conflito, no norte do país, aumentaram. Os rebeldes estão ao lado de cerca de 50 mil civis, conforme estimativas da ONU (Organização das Nações Unidas). Só neste fim de semana, quase 400 civis morreram e mais de mil ficaram feridos.

Segunda Realidade:

A imagem é muito forte e impactante, por todos os cantos da fotografia podemos observar uma grande quantidade de escombros e pessoas feridas ou doentes deitadas de modo improvisado sobre os entulhos.

Após o ataque, um hospital foi improvisado pelos rebeldes para atender aos casos de maior emergência. Pode-se observar na imagem entre feridos, mortos ou pessoas que estão prestando apoio. Todos estão deitados em barracas improvisadas.

O fotógrafo utilizou-se de um Plano Geral, para conseguir contextualizar a imagem sem procurar explorar em closes as pessoas feridas ou envolvidas na imagem, para preservar a identidade das mesmas.

Análise Ética:

Essa imagem possui prós e contras. Os prós entram no princípio do jornalismo que é acima de tudo, transmitir informações. O ponto negativo fica por conta do impacto negativo que essa imagem traz consigo, um retrato da cruel realidade em que vivem os rebeldes no Paquistão.

Havia a necessidade de se noticiar o acontecimento e utilizar-se da fotografia para comprovar a veracidade da notícia, uma vez que a mesma torna-se de difícil compreensão por todo contexto histórico da Primeira Realidade que envolve o fato.

"Claramente se compreende a razão de ser o homem um animal sociável em grau mais elevado que as abelhas e todos os outros animais que vivem reunidos. O que distingue o homem de um modo específico é que ele sabe discernir o bem e o mal, o justo do injusto, e assim todos os sentimentos da mesma ordem cuja comunicação constitui precisamente a família do Estado". (ARISTÓTELES. A política. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1978, p. 18-19.)

Baseado no trecho acima, a utilização dessa imagem não pode ser considerada como imoral. O homem tem o poder de saber discernir o bem e o mal, e o jornalista por sua vez, tem o direito de transmitir a informação através da fotografia para que o mundo todo possa saber do que certos grupos são capazes de fazer com seu próprio povo.



Figura 4

Fonte: Folha de S. Paulo de 26 de Maio de 2009

Autor: Yuri Gonzaga/Folha Imagem

Legenda: Alunos durante invasão à reitoria da USP, na Cidade Universitária; ato acabou no final da tarde

Primeira realidade:

As maiores universidades do estado de São Paulo estavam passando por momentos de crise com seus estudantes, que haviam invadido as dependências dos prédios da USP, Unicamp e Unesp.

No ano de 2007, um grupo grande de alunos invadiu a Cidade Universitária e ficaram alojados ali por 50 dias realizando protestos contra medidas governamentais.

Esse ano, os estudantes realizaram outra invasão no mesmo local na maior universidade do país como forma de protesto pela decisão do reitor em não receber os estudantes que não concordavam com medidas como a decisão da Universidade em oferecer cursos à distância.

Após a chegada da polícia, os cerca de 300 invasores decidiram em assembléia popular deixar o prédio.

Segunda Realidade:

A imagem dá a entender que estamos vendo uma foto de um presídio.

Na foto vemos um grupo de jovens com os rostos cobertos como bandidos e atrás de uma grade que se parece com uma cela. Um dos pontos que deve ser relevado para se perceber que a foto não é de um presídio é o fato de ter um rosto feminino na foto.

O fotógrafo utilizou-se da fotografia em Plano Médio para que o ambiente não fosse registrado em sua totalidade. Com isso, o profissional conseguiu dar mais ênfase às faces e fisionomias dos jovens e da ação, e não do ambiente, que iria fazer com o que o principal objetivo dele não tivesse êxito.

Análise Ética:

A imagem se tornou muito ofensiva pelo modo com que foi tirada nas dependências da Universidade de São Paulo. Numa primeira impressão, parece que estamos olhando para uma imagem de rebelião, em qualquer presídio do Brasil, com superlotação e todos os outros pré-requisitos para uma revolta presidiária.

A primeira realidade fala de diversos estudantes durante um protesto, e não um bando de presidiários atrás de uma cela. A opção do fotógrafo em fechar mais o plano, nos leva a crer que todos os alunos que se envolvem nesse tipo de protesto devem ser considerados bandidos ou qualquer outra coisa relacionada.

Lamentavelmente, sempre existiu falta de respeito por parte de alguns profissionais da imprensa em relação às manifestações estudantis, estejam eles certos ou não, o dever do fotojornalista ou do editor responsável pela escolha da imagem, não é julgar nem induzir alguém a pensar como ele, e sim, divulgar o fato. Para Sousa (2002), esse situação pode se explicar pelo fato de que o fotojornalista normalmente deve buscar expressões, ações ou situações significativas das pessoas.

Existiu falta de respeito por parte do jornal, uma vez que sem o menor cuidado aos princípios éticos, acabou expondo de maneira incorreta a imagem de diversos alunos sem lhes fornecer qualquer possibilidade de defesa, induzindo o receptor da imagem a acreditar que ali estava um grupo de bandidos ou ainda, relacionando os líderes dos movimentos com bandidos.



Um dos dois corpos encontrados pela polícia no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro

Figura 5

Fonte: Folha de S. Paulo de 1 de junho de 2009

Autor: Uânderson Fernandes/Agência O Dia

Legenda: Um dos dois corpos encontrados pela polícia no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro.

Primeira Realidade:

O Complexo da Maré é um bairro da zona norte do Rio de Janeiro que existe oficialmente desde 1994, quando acabou sendo desmembrado do bairro de Bonsucesso. O complexo constitui-se num agrupamento de várias favelas e conjuntos habitacionais construídos pelo governo carioca.

O Rio de Janeiro é o estado com mais favelas em todo o Brasil, o alto número de complexos como o da Maré se atribui aos baixos indicadores de desenvolvimento humano que são apontados na região.

Nos últimos anos, o Rio de Janeiro tem vivido numa verdadeira Guerra Civil entre os traficantes e as autoridades militares do estado. Diariamente, as favelas são cenários de tiroteios e invasões policiais em buscas de traficantes de drogas e de armas.

Segunda Realidade:

Podemos observar na imagem um porta malas de um carro aberto com duas pernas para fora descritas como sendo de um jovem morto.

Pode-se perceber pela imagem que o local da foto é uma rua normal em uma favela no Rio de Janeiro com pessoas caminhando normalmente, aparentemente acostumados com a situação.

O fotógrafo utilizou-se de um enquadramento mais fechado, com um Plano Médio sem explorar muito o ambiente, que não se faz muito necessário para compreensão da imagem, uma vez que o foco está nas pernas do rapaz morto.

Análise Ética:

Imagens como essa não são muito comuns na Folha de S. Paulo - parte de um corpo morto para fora do porta-malas de um carro. Impactante e talvez desnecessária.

É compreensível que as vezes fotos como essa sejam necessárias em algumas páginas de jornais, para que os leitores tenham a real dimensão dos acontecimentos e, assim, possam compreender melhor a situação do país.

Mas, ao mesmo tempo que ela pode ser compreensível, torna-se desnecessária à medida que diversas outras fotos poderiam ter sido escolhidas para retratar a violência das ruas e não havia a necessidade de se colocar uma pessoa morta.

Apesar de a imagem não apresentar nenhuma característica que seja possível identificar a pessoa na foto, o jornalista deveria ter se preocupado com o impacto negativo que uma imagem dessa traz para o leitor e para os familiares da vítima que vão ler o jornal. Sousa (2001) defende que realmente imagens como essa podem trazer impactos negativos, porém, retratar como se mata facilmente nos dias de hoje, torna-se mais relevante do o impacto negativo.

Apesar de muito forte, o modo como a foto foi tirada parece ser o mais adequado para se conseguir apresentar o fato ao público, sem que a identidade da pessoa fosse divulgada ou sua imagem fosse exposta, mas mesmo assim, de modo claro, todos percebem que a pessoa da foto esta morta.



Figura 6

Fonte: Folha de S. Paulo de 03 de junho de 2009

Autor: Antônio Lacerda/EFE

Legenda: Irmão de Simone Jacomo, funcionária do Tribunal de Justiça do Rio, é consolado por uma amiga.

Primeira Realidade:

O avião da Air France mantinha um vôo regular de longo curso entre Rio de Janeiro e Paris. Havia partido do Brasil no dia 31 de maio e foi dado como perdido em 1 de junho de 2009, quando a aeronave perdeu contato com as torres em cima do Oceano Atlântico com 228 passageiros a bordo.

O avião partiu às 19h03min do aeroporto Galeão e deveria chegar em Paris cerca de 11 horas depois. O último contato humano com a tripulação foi feito cerca de 3h30min após a decolagem, quando o avião se aproximava do limite dos radares brasileiros. Após 40 minutos, uma série de mensagens automáticas de socorro foram recebidas.

Após um longo tempo de espera e tomando por base suas reservas de combustível, a aeronave foi dada como perdida e, posteriormente, encontrada em uma região com 4.700m de profundidade no oceano atlântico. O avião viajava com 216 passageiros e 12 tripulantes, todos mortos.

Segunda Realidade:

A imagem mostra o drama que as famílias estavam vivendo, com a ausência de informações sobre o paradeiro da aeronave da Air France.

Na imagem vemos uma mulher abraçando um homem, ambos estão visivelmente emocionados e pela legenda da foto podemos observar que a mulher está consolando um amigo que tinha parentes viajando no avião.

Ao fundo, também vemos outras pessoas buscando consolo pela falta de informações sobre o acidente.

O fotógrafo procurou utilizar-se de técnicas de imagem em Primeiro Plano para poder enquadrar as pessoas com maior destaque, buscando sempre conseguir registrar a emoção das fisionomias, isolando o sujeito do ambiente. Fez isso por meio de uma teleobjetiva, que possibilita fotografar planos mais fechados à distância.

Análise Ética:

Essa é uma imagem bastante invasiva e muito impactante, mas será que é respeitosa? Será que cumpre as recomendações do código de ética dos jornalistas?

Como pode ser observado, essa imagem está explorando o sofrimento pessoal de dois amigos, que acabam de descobrir que perderam um ente querido sem respeitar a intimidade de cada um deles em um momento tão doloroso, ainda que ambos estivessem em um local público.

Pela Constituição Federal em seu Artigo 5º, inciso X está determinado que: *“são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;”*

Por mais que a tragédia devesse ser noticiada, expôr as pessoas em um momento tão desesperador acaba gerando um desconforto muito grande aos familiares dos envolvidos. O autor Humberto (2004) afirma que nem sempre a culpa é do profissional que obteve a imagem. Para ele, um fotógrafo que registra determinadas imagens de dor não pode ser considerado um oportunista do drama alheio, ele só está ali fazendo seu trabalho, que o coloca diante da impotência para evitar que algo aconteça.

Deve-se refletir também o fato de que a imagem foi obtida no momento em que a lista dos passageiros do avião era divulgada no Brasil. Assim, era necessário que o tema fosse noticiado, por meio do texto, por ser de interesse público, mas não havia a necessidade de mostrar na imagem o desespero de uma pessoa recebendo essa notícia.



Figura 7

Fonte: Folha de S. Paulo de 28 de Maio de 2009

Autor: Apu Gomes/Folha Imagem

Legenda: Em protesto de moradores na madrugada de ontem, jovem atira coquetel molotov contra a PM, em Vila Jacuí, na zona leste de SP.

Primeira Realidade:

Aproximadamente 200 manifestantes da Vila Jacuí queimaram um ônibus e atiraram pedras e bombas incendiárias contra a polícia, como forma de protesto contra a morte de um morador do bairro que era suspeito de tráfico. A polícia justificou a morte do morador como sendo suicídio.

A concentração dos manifestantes se deu por volta das 23h50min na avenida Maria Santana, ao lado do 63º Distrito Policial. Segundo informações, um grupo de homens armados e levando garrafas com gasolina atearam fogo em um ônibus circular.

Os policiais civis ficaram refugiados na delegacia até que a tropa de choque da polícia militar foi chamada e conseguiu controlar a situação. Na confusão, uma pessoa acabou ferida e duas foram detidas e, logo após serem ouvidas, foram liberadas.

O motivo do protesto foi a morte do desempregado Sérgio dos Santos que havia sido detido com cinco papétes de cocaína. Após algumas horas preso na delegacia, Sergio foi encontrado morto, segundo a polícia, enforcado em um cadarço de tênis.

Segunda Realidade:

Na imagem, pode-se notar bastante poluição visual e uma foto totalmente desfocada, talvez por ser uma imagem em movimento. O fotógrafo utilizou um Plano Geral, em que o ambiente divide a atenção com o elemento humano. A foto foi tirada em velocidade baixa, o que deu a sensação do movimento evidente na imagem.

Pode ser observado um dos manifestantes atirando o que a legenda informa ser um coquetel molotov, aparentemente contra alguém ou algum prédio relacionado à polícia. Além disso, também pode ser observado na imagem outros artefatos como fogo no chão e alguns objetos que aparentam ser grandes latas de lixo.

Análise Ética:

A imagem retrata mais uma vez a violência urbana de um modo que nem todos os leitores estão acostumados a lidar, mas sem desrespeitar ninguém, nem o próprio envolvido, que não tem seu rosto focalizado e seu nome divulgado, somente sua ação.

Segundo o código de ética dos jornalistas, descrito em seu artigo sétimo, *“O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.”*

Portanto, a imagem, apesar de impactante, não pode ser considerada antiética, pois não desrespeitou em momento algum qualquer direito de privacidade do fotografado e ainda conseguiu transmitir a realidade através do registro.



Figura 8

Fonte: Folha de S. Paulo de 28 de Maio de 2009

Autor: K.M. Chaudary/Associated Press

Legenda: Equipe de resgate e policiais removem colega ferido no ataque

Primeira Realidade:

Um atentado terrorista no Paquistão deixou pelo menos 24 mortos e 250 feridos na cidade de Lahore, além de ter destruído um edifício que abrigava uma unidade da polícia e o ISI, serviço secreto paquistanês . O atentado foi associado ao grupo terrorista Taleban, de Osama Bin Laden.

Foi a primeira vez que uma base da ISI foi atingida por atentados desde que os radicais islâmicos declararam guerra ao estado paquistanês, dando início a uma série de atentados que já mataram cerca de 2.000 pessoas.

O atentado acabou com a morte de um dos terroristas e a prisão de outros dois, que não assumiram a qual grupo pertenciam. A polícia acredita que os atentados sejam uma forma de represália contra uma operação militar, realizada no início do mês, contra algumas aldeias comandadas pelo Taleban, próximas à capital Islamabad.

Segunda Realidade:

Na imagem podemos observar um cenário de muita destruição resultado do ataque terrorista. Ao fundo, observamos prédios destruídos e diversas ruínas com alguns sobreviventes ainda procurando por alguma coisa no meio dos escombros.

No foco da fotografia, podemos identificar pelo menos três policiais e dois membros da equipe de resgate, carregando um homem que aparenta também estar fardado como um policial.

A fotografia foi tirada em um Plano Geral, pois observamos que o ambiente ocupa uma parcela pouco significativa da foto, mas mesmo assim tem grande importância pois ajuda na compreensão e tem grande valor descritivo da ação.

Análise Ética:

A Folha de S. Paulo é uma jornal que não se preocupa muito a com a preservação da imagem e do sofrimento alheio quando se trata de acontecimentos internacionais. Diferente do que o jornal faz no Brasil, quando dificilmente mostra uma imagem tão impactante quanto essa, para registros internacionais a linha editorial do jornal não se mostra tão rigorosa e imagens como essa aparecem em muitas edições.

Talvez isso possa ser justificado pelo fato de a Folha comprar imagens internacionais de agências como a Reuters, que possivelmente segue uma linha editorial diferente da adotada por alguns fotojornalistas no Brasil, que não costumam fotografar em plano médio ou close alguns acontecimentos mais traumáticos.

Na imagem, podemos observar claramente o sofrimento da vítima dos ataques terroristas. É um policial gravemente ferido sendo carregado por seus colegas e alguns membros do resgate local.

Como citado anteriormente no texto teórico, as fotografias de dor devem sempre manter uma motivação reflexiva, que seja capaz de fazer com que o receptor possa pensar no acontecimento. Como se sabe, o fotógrafo pode sempre tratar um acontecimento traumático sem precisar utilizar-se de uma estética de horror.



Figura 9

Fonte: Folha de S. Paulo de 23 de março de 2009

Autor: Zanone Fraissat/Folha Imagem

Legenda: Com gol de Dentinho, Corinthians vence Santos em clássico que teve briga entre torcida e poliais.

Primeira Realidade:

A violência nos estádio de futebol é uma dura realidade com que os brasileiros de certo modo já se acostumaram. Em dias de clássicos regionais, as famílias já não vão mais assistir aos jogos por conta desse problema que assola o futebol brasileiro.

Em março de 2009, o campeonato paulista de futebol masculino corria normalmente e a rodada era de um importante clássico. Corinthians e Santos se enfrentaram no Pacaembu, na cidade de São Paulo, o placar do jogo foi de 1 a 0 para o Corinthians, com gol do atacante Dentinho.

Como é comum em muitos jogos dessa importância, o resultado do jogo acabou escondido pela violência dentro do estádio em uma briga que envolveu a torcida do Santos e a Polícia Militar.

Segunda Realidade:

Na imagem pode ser observada uma espécie de batalha campal envolvendo sete policiais (vistos na foto) com capacetes, escudos e cassetetes empunhados partindo para cima de um grupo de cerca de 20 torcedores de uma Organizada do Santos Futebol Clube, que não se intimida com o poderio dos Militares e também vão para o combate corporal com os mesmos.

O estilo que o fotógrafo preferiu adotar nessa foto foi o de explorar um Plano médio, dando grande destaque à ação da violência em questão sem valorizar muito o ambiente em que o fato aconteceu. Mesmo não sendo em close, na imagem podemos observar a feição de raiva e ódio de alguns torcedores.

Sousa (2002) afirma que esse tipo de fotografia se baseia na linguagem do instante, quando o fotógrafo tem que conseguir captar um momento único em que ele consegue agrupar a ação e os detalhes dos envolvidos com a ação.

Análise Ética:

As imagens de violência dentro dos estádios de futebol já se tornaram rotina na vida dos leitores que abrem o jornal um dia depois de grandes clássicos. Em todos os estádios do Brasil e até do mundo, as torcidas organizadas acabam se confrontando seja entre eles, seja com rivais ou com a polícia responsável pela segurança do evento.

O fotógrafo foi muito feliz no momento em que conseguiu captar a imagem, pois conseguiu por em prática o que é apontado por diversos autores como sendo a principal função do fotojornalismo, que seria trabalhar como um argumento comprobatório da realidade.

Talvez o fotógrafo e jornal tenham se excedido no fato de ter exposto a identidade de muitos dos torcedores e também de alguns dos policiais envolvidos. Por mais que a ação seja criminosa, existiam outros meios de se retratar essa situação sem expor de forma tão contundente a identidade dos envolvidos.

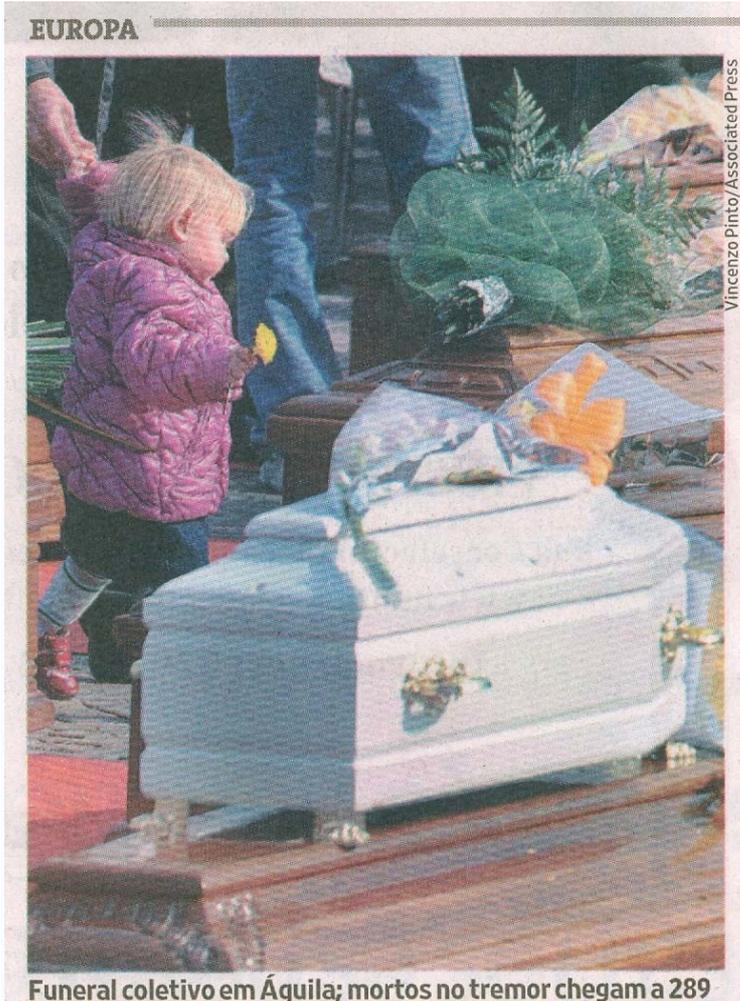


Figura 10

Fonte: Folha de S. Paulo de 11 de abril de 2009

Autor: Vincenzo Pinto/Associated Press

Legenda: Funeral coletivo em Áquila; mortos no tremor chegam a 289

Primeira Realidade:

Em abril de 2009 a cidade de Áquila na Itália, região próxima a capital Roma, um terremoto que foi considerado um dos piores de todos os tempos no país, deixou cerca de 300 vítimas fatais na cidade e ao menos 2 mil feridos.

O tremor que ocorreu por volta de 3h30 da madrugada, atingiu 5,8 na escala Richter na medição italiana e 6,3 na medição norte americana. Além disso, cerca de 26 cidades da região foram atingidas.

Os bombeiros italianos conseguiram resgatar cerca de 400 pessoas com vida no meio dos escombros. A estimativa das autoridades é de que 10 mil imóveis tiveram suas estruturas abaladas. Toda a população foi retirada das construções que não foram destruídas.

Segunda Realidade:

A imagem retrata o cenário do velório coletivo que ocorreu na cidade de Àquila na Itália. Em destaque, pode-se observar um caixão que aparenta ser de uma criança pelo tamanho. Além disso, outra criança de mãos dadas com algum adulto leva uma pequena flor até o caixão de um ente querido.

O fotógrafo utiliza-se de um Plano Conjunto, que é um Plano Geral um pouco mais detalhado, onde o autor da fotografia procura situar o receptor de tudo que envolve a imagem.

Análise Ética:

A imagem é extremamente invasiva e retrata de maneira indiscriminada o sofrimento alheio utilizando-se da fotografia de uma criança em um velório. A pequena garota talvez nem saiba o que está fazendo ali, mas seus pais com certeza estão passando por um momento muito delicado com a perda de algum ente querido.

A utilização da fotografia pode causar desconforto aos pais da menina que já estão sendo vítimas da tragédia. Esse comportamento invasivo do fotógrafo pode ser motivado pelo pensamento de que a fotografia fosse vender muito ou somente para seguir ordens dadas pelos editores do jornal.

O que se deve levar em consideração nas fotografias traumáticas, é se ela ajuda de alguma forma a contextualizar os acontecimentos noticiados e essa imagem não ajudava nesse sentido, pois a notícia tratava de um velório coletivo para 290 mortos e não da ação da pequena garota.

Trabalhar com fotos de crianças em acontecimentos desse porte nunca é recomendável, ainda mais nesse tipo de invasão da privacidade da família.



Figura 11

Fonte: Folha de S. Paulo de 16 de Fevereiro de 2009

Autor: Reginaldo Castro/Lancepress

Legenda: PM socorre corinthiano ferido na confusão após a partida.

Primeira Realidade:

Mais uma vez a violência nos estádios de futebol esta sendo registrada através das lentes de um fotógrafo. No dia 16 de fevereiro de 2009, no estádio do Morumbi, a partida era disputada entre São Paulo e Corinthians e valia pelo Campeonato Paulista.

Após o término do jogo com placar de 1 a 1, a torcida do Corinthians, obrigada pela polícia a permanecer no estádio até que a torcida rival deixasse o local, entrou em confronto com os policiais militares que faziam a segurança do espaço destinado aos mesmos.

Como o setor era pequeno e separado por vidros, o cenário ficou ainda mais violento, e o que se viu no final do confronto foram vários policiais feridos e alguns torcedores também machucados ou passando mal pela aglomeração de pessoas no local.

Segunda Realidade:

Na imagem podemos observar um grande número de torcedores do Corinthians misturados com alguns policiais militares após os confrontos envolvendo as duas partes. Na foto podemos ver dois torcedores recebendo auxílio de amigos e de soldados. Um esta sentado

na parte superior da fotografia e o outro esta deitado na parte de baixo da foto com a cabeça apoiada no braço do policial e aguardando socorro.

A imagem foi tirada em um Plano Geral, que é o mais utilizado em manifestações e confusões. Com isso, o fotógrafo conseguiu englobar quase toda a ação na fotografia, mostrando o cenário, os principais envolvidos que são as pessoas passando mal e também que está ali acompanhando.

Análise Ética:

As imagens de violência nos estádios se tornaram comuns, mas ainda continuam impactantes. Nessa em questão, não há tanto trauma pois ela foi tirada após a confusão e só mostra os resultados da briga, servindo como um instrumento noticioso, confirmando a informação passada pelo jornal de violência.

Mais uma vez o código de ética dos jornalistas em seu artigo sétimo é utilizado para justificar os propósitos do profissional ao registrar tal momento: *“O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.”*

Vale ressaltar o empenho do fotógrafo para conseguir ter acesso à uma região do estádio em que os profissionais da imprensa geralmente não trabalham. Também deve ser registrado que mais uma vez a violência substituiu o espetáculo e a capa do jornal não trazia uma imagem do jogo, mas sim, das causas da confusão.

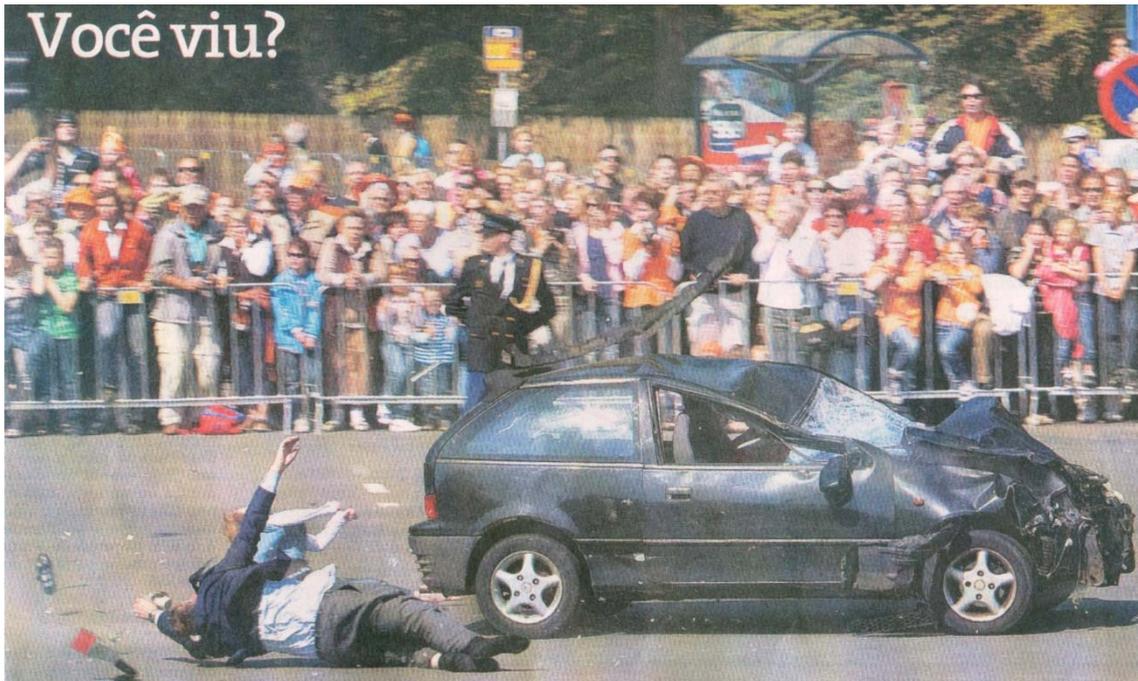


Figura 12

Fonte: Folha de S. Paulo de 1º de Maio de 2009

Autor: Robin Utrech /Francepress

Legenda: Sem legenda

Primeira Realidade:

Um homem de 38 anos atropelou e matou cinco pessoas e feriu dez que assistiam ao desfile do Dia da Rainha, na Holanda em 1º de maio de 2009.

Segundo a Promotoria envolvida no caso, o motorista, que ficou gravemente ferido, afirmou que queria atingir a família real, que estava em veículo conversível a poucos metros do monumento que fez o carro parar.

Segunda Realidade:

Na imagem pode se observar em destaque que o acontecimento se deu durante um desfile, uma vez que existe uma grande platéia no fundo da imagem, todas com expressões assustadas pela cena que acabam de ver.

No canto direito da imagem, podemos observar um carro bastante amassado, resultado de um acidente e de cinco atropelamentos causados pelo motorista durante um atentado contra a família real holandesa.

Mais atrás, no chão, pode-se observar duas pessoas que acabaram de ser atropeladas pelo motorista, trata-se de um homem e uma mulher que aparentam estar bastante feridos.

O Fotógrafo utilizou-se de um Plano Geral para conseguir captar todos os acontecimentos como o carro batido, as pessoas atropeladas, o público assustado no fundo e o cenário do acidente.

Análise Ética:

A fotografia retrata um grave acidente ocorrido na Holanda no começo desse ano. O acidente foi registrado de maneira brilhante pelo fotógrafo que realizava a cobertura do desfile da família real.

O fotojornalista deve sempre estar preparado para lidar com o imprevisto para assim conseguir grandes fotografias. Sousa (2002) afirma que os fotógrafos devem sempre estar preparados para a linguagem do instante onde o jornalista tem que captar o momento único em que o fato acontece.

A imagem causa impacto pelo resultado que apresenta com duas pessoas atropeladas no chão e o carro bastante amassado. Causa ainda mais espanto por ter se tratado de um atentado contra a vida da família real holandesa, mas se trata do jornalismo feito de modo correto, com o instante do acontecimento dos fatos, sem ferir eticamente nenhum dos participantes.

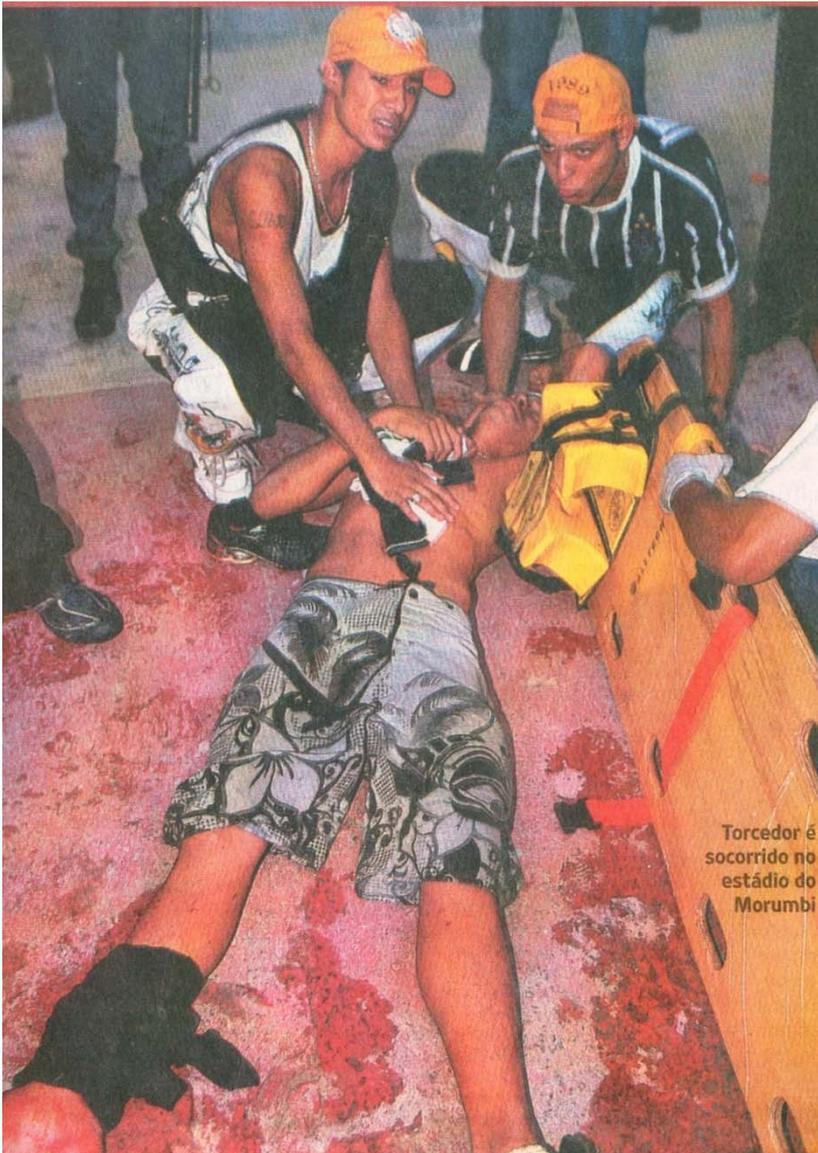


Figura 13

Fonte: Folha de S. Paulo de 16 de Fevereiro de 2009

Autor: Reginaldo Castro/Lancepress

Legenda: Torcedor é socorrido no estádio do Morumbi

Primeira Realidade:

Mais uma vez a violência nos estádios de futebol esta sendo registrada através das lentes de um fotógrafo. No dia 16 de fevereiro de 2009, no estádio do Morumbi, a partida era disputada entre São Paulo e Corinthians e valia pelo Campeonato Paulista.

Após o término do jogo com placar de 1 a 1, a torcida do Corinthians, obrigada pela polícia a permanecer no estádio até que a torcida rival deixasse o local, entrou em confronto com os policiais militares que faziam a segurança do espaço destinado aos mesmos.

Como o setor era pequeno e separado por vidros, o cenário ficou ainda mais violento, e o que se viu no final do confronto foram vários policiais feridos e alguns torcedores também machucados ou passando mal pela aglomeração de pessoas no local.

Segunda Realidade:

Na imagem pode-se observar um cenário de terror com bastante sangue espalhado pelo chão, misturado com a pintura avermelhada de uma parte do estádio. Pode ser observado três torcedores no chão, um deitado com alguns ferimentos e dois agachados prestando socorro ao mesmo. Além disso, também pode se observar uma prancha de resgate que seria utilizada para o transporte do torcedor ferido. Os dois rapazes que estão ajudando estão muito nervosos, um deles aparenta estar chorando.

O Plano Médio foi utilizado para poder captar a ação com mais ênfase, trazendo detalhes como a fisionomia dos envolvidos, o sentimento transparecendo e até o machucado da perna da vítima.

Análise Ética:

A opção do fotógrafo em detalhar o sofrimento pelo qual o torcedor e seus amigos estão passando traz consigo uma invasão de privacidade desnecessária. Do mesmo modo com que a identidade dos policiais, do paramédico e do torcedor ferido foram preservadas, a identidade dos dois companheiros também não precisava ter sido colocada com tantos detalhes.

A violência em partidas de futebol é sempre um imprevisto. Nenhum profissional sai pautado para tirar fotos de brigas entre torcedores e policiais. A Folha de S. Paulo decidiu colocar essa foto na capa do jornal, em tamanho bem grande, expondo os torcedores envolvidos para toda uma nação, sem respeitar a privacidade dos dois que mostram o rosto, um deles até chorando

O modo com que a imagem dos dois rapazes foi exposta é desnecessário a medida que a notícia não tratava daquele caso especificamente, mas sim de uma briga generalizada entre toda a torcida do Corinthians no estádio e a polícia, os rostos não precisavam ter sido registrados. Essa imagem exemplifica como em uma mesma edição, um jornal pode acertar e

errar. A figura 11 trata da mesma confusão com um enfoque informativo, com critérios diferentes.

As comparações entre essa imagem e a Figura 11 também mostram o quanto a linha editorial do jornal influencia na formação da opinião do leitor. Essa foto foi publicada na capa do jornal Folha de São Paulo do dia 16 de fevereiro, enquanto a outra veio no caderno de esportes, refletindo qual era a intenção do jornal, causa impacto suficiente para vender mais.



Figura 14

Fonte: Folha de S. Paulo de 13 de fevereiro de 2009

Autor: Aaron Favila/Associated Press

Legenda: Policiais usam jatos d'água para tentar conter um protesto nas proximidades do palácio presidencial em Manila, nas Filipinas; os manifestantes, na maioria camponeses, pediam a ampliação da lei de reforma agrária no país.

Primeira Realidade:

Cerca de três mil pessoas protestaram contra a presidente das Filipinas, Gloria Macapagal nos arredores do Parlamento local, onde aconteceu um debate entre o atual e o ex-presidente sobre a atual situação do país. O antigo mandatário é acusado de querer permanecer no poder mediante a uma reforma constitucional.

O manifesto tinha caráter pacífico e os camponeses lutavam pela ampliação da lei de reforma agrária do país. Oito militares, à paisana, acabaram sendo atacados pelos manifestantes que primeiro os chamavam de espíões e depois partiram para agressão física. Os oito policiais tiveram ferimentos graves e foram internados no hospital local.

A partir disso, a polícia foi chamada para intervir no manifesto e a confusão acabou generalizada. Para conseguir conter a fúria dos agressores, os policiais utilizaram jatos de água e escudos, o que foi suficiente.

Segunda Realidade:

Na imagem pode ser observado um cenário muito impressionante, são muitas pessoas jogadas no chão, uma por cima da outra tentando se proteger dos policiais armados com escudos e jatos fortes de água.

O que não se tem como saber é se as pessoas estavam jogadas no chão por conta da ação dos policiais ou se esse era o meio de protesto que eles tinham encontrado.

A iluminação da foto é bem baixa além de muitos pingos de água que acabaram respingando na lente da câmera, prejudicando a qualidade da imagem, porém, dando ainda mais um ar de uma situação de alta tensão.

Análise Ética:

Como todas as outras fotos de confrontos entre manifestantes e policiais, geralmente o impacto que elas causam é garantido, pois quase sempre se tratam de momentos em que a vida humana está em perigo.

Nessa fotografia, o objetivo do fotógrafo foi apresentar o fato da maneira mais próxima da realidade possível, ele não se preocupou com a iluminação do local e nem com a água que respingava em sua lente, só se preocupou em registrar da maneira mais fiel o acontecimento.

Mesmo causando impacto, a imagem não feriu o direito moral de nenhuma das partes envolvidas, pois não destacou a face de nenhuma das pessoas, pois apresenta-se em plano geral.



Figura 15

Fonte: Folha de S. Paulo de 07 de agosto de 2009

Autor: George Abdaladze/AP

Legenda: Mulher chora em cemitério militar em Tbilisi, na Geórgia; há quase um ano, o país guerreou com a Rússia e 390 morreram.

Primeira Realidade:

Há cerca de um ano, a Rússia decidiu intervir militarmente em um conflito que acontecia na região separatista da Ossétia do Sul, para expulsar as tropas georgianas.

As tropas russas e georgianas se enfrentaram após forças georgianas entrarem na região separatista da Ossétia do Sul, cuja segurança era feita por tropas russas. A Geórgia, que fazia parte da União Soviética, tenta nos últimos anos afastar-se da esfera de influência russa e aproximar-se do ocidente, para irritação do governo russo e de opositores internos. O movimento tem favorecido os movimentos separatistas nas duas regiões que contam com grande contingente de população russa.

Durante os confrontos, cerca de 400 cidadãos georgianos acabaram mortos.

Segunda Realidade:

Na imagem pode-se observar o cenário de um cemitério com diversos túmulos em seqüência e uma senhora agachada chorando em homenagem a algum ente querido.

Na imagem, o fotógrafo utilizou-se de técnicas de Plano Médio, onde se destaca de modo bem claro a emoção da pessoa retratada. No entanto, consegue dirigir a atenção do espectador sem isolar o sujeito do ambiente.

Análise Ética:

Essa fotografia traz consigo uma grande carga emotiva, pois a senhora chora muito junto ao túmulo. Como se observa, a imagem está explorando o sofrimento alheio para sem pudor nenhum publicar a fotografia junto de uma matéria.

A Constituição Federal determinou que: *“são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas”* mas a nossa constituição não se aplica à Geórgia. O que deve ser constatado é o fato de que a imagem foi publicada no Brasil sem se respeitar o sofrimento que a imagem transparece.

O maior problema se constata pelo fato de a intimidade da mulher não ser respeitada em um local tão pessoal quando um cemitério e o modo com que ela acaba sendo exposta, gera um desconforto muito grande para a mulher fotografada e seus familiares. Sempre ressaltando que nem sempre a imagem é resultado da intenção do fotógrafo e sim de rotinas que ele deve cumprir como em todas as profissões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do longo período em que as imagens foram analisadas, foi possível observar que a obtenção de uma fotografia não é tão simples quanto aparenta ser. Existe uma somatória de fatores que interfere na obtenção do resultado final de uma fotografia, que não se limita ao momento em que a mesma é clicada.

Para embasamento teórico, diversos autores foram utilizados como Sousa (2002), Sontag (2003). Humberto (2000), entre outros.

Uma fotografia percorre um longo caminho até chegar ao seu destino final, que é o receptor. Existem realidades que envolvem todo o processo de criação da mesma. Segundo a teoria de Kossou (2002), duas realidades envolvem uma imagem. Na primeira observamos todo o contexto histórico dos fatos que envolvem a imagem. Na segunda, deve-se analisar os elementos contidos na imagem registrada.

Após analisar as duas realidades, o destino final das imagens ainda é incerto, uma vez que ainda depende da linha editorial adotada pelo jornal em que a fotografia será publicada.

Condenar a atitude do fotógrafo nem sempre é tão simples quanto parece, muitas vezes existem elementos externos que estão além do poder de decisão e ele é um profissional que trabalha com o momento, a imagem precisa ser registrada, o momento precisa ser fotografado, e o que muitas vezes precisa ser registrada, o momento precisa ser fotografado, e o que será feito com ela, já não depende mais dele.

As críticas se dão quando o profissional tem a opção de evitar que determinados temas sejam registrados mas mesmo assim o fazem, o que muitas vezes acaba resultando em danos morais à alguns envolvidos.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: As técnicas do jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BANMGARTEN, Daiana. A Ética. Disponível em:
<<http://www.slideshare.net/Marivetebalzan/daiane/2092064>> Acesso em: 12 nov. 2009.

CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 2. ed. 1999.

*HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a Poética do Banal**. Brasília: Editora UnB, 2004.*

KOSOVSKI, Ester. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Mauad, 1995.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MARQUES, L. H. **Apostila História da Comunicação**. Mimeo, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Cambridge: Universidade de Cambridge, 1989.

SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do jornalismo ocidental**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.

_____, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: Letras Contemporâneas, 2004.

VALLS, L. M. Álvaro. **O Que é Ética**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.